

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

VIVIANE DE HOLANDA CABRAL

**BIBLIOTECÁRIO E ESTEREÓTIPO:**  
a trajetória de uma construção



**VIVIANE DE HOLANDA CABRAL**

**BIBLIOTECÁRIO E ESTEREÓTIPO:  
a trajetória de uma construção**

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa

Fortaleza

2008



À minha mãe, por muitas vezes sacrificar-se para pagar meus estudos, pelos valores que ensinou, pelo amor, incentivo e pela imensa paciência.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus professores, que tornaram possível a realização deste trabalho.

Aos meus amigos e à minha irmã, Vinícia, pelo apoio moral, pelo compartilhamento de angústias e descobertas e pelas trocas de idéias que em muitos momentos incitaram minha curiosidade intelectual.

À bibliotecária da Procuradoria Geral do Município, Eliana Moreira Barbosa, pelo exemplo profissional.

Ao David Fontenele Cesar, meu namorado, pelo carinho, preocupação e compreensão.

Ao Prof. Dr. Luiz Tadeu Feitosa pela paciência e pela segura orientação.

*"Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.  
Fora disso sou doido, com todo o direito de sê-lo."*

*Fernando Pessoa*

## RESUMO

Discutir o conceito, a formação e manutenção do estereótipo do bibliotecário. Apresentar o histórico da biblioteconomia, relacionando com a imagem estereotipada. Abordou-se a relação entre a formação acadêmica e mercado de trabalho. Considerou-se a necessidade de uma mudança comportamental por parte do bibliotecário. Estabeleceram-se ainda as características e os condicionamentos social-culturais que favorecem a formação e fixação do estereótipo. Avaliar a repercussão da imagem do bibliotecário nos meios de comunicação. Verificou-se também o papel da mídia na manutenção do estereótipo. Por fim exemplificou de maneira analítica a reprodução da imagem do bibliotecário no desenho Avatar. Concluiu-se que a permanência do estereótipo só é possível por que o bibliotecário age em conformidade ao modelo estereotipado e que existe um conformismo por parte dos bibliotecários em relação à auto-imagem. Evidenciou-se, portanto, que este tema merece mais estudo, tanto para que seja possível identificar e refletir sobre os prejuízos e tradições que se perpetuam na biblioteconomia, bem como para superá-los e para assegurar o reconhecimento da atuação profissional por parte da sociedade.

Palavras – chave: Bibliotecário. Estereótipo. Mídia.

## RÉSUMÉ

Ont discuté le concept, la formation et la manutention du stéréotype du bibliothécaire. Présenter la description de la bibliothéconomie, en rapportant avec l'image stéréotiser. Il s'est abordé la relation parmi la formation académique et le marché de travail. S'est considérée la nécessité d'un changement dans conduite de la part du bibliothécaire. Se sont établis encore les caractéristiques et les conditionnements social-cultures qui favorisent la formation et la fixation du stéréotype. Il évalue la répercussion de l'image du bibliothécaire dans les moyens de communication. Il s'est vérifié aussi, le rôle de la média dans la manutention du stéréotype. Il a finalement exemplifié de manière analytique la reproduction de l'image du bibliothécaire à le dessin Avatar. Il s'est conclu que la permanence du stéréotype seulement est possible pourquoi le bibliothécaire agit dans conformité au modèle estereotipado et que existe une conformismo de la part des bibliothécaires, concernant auto-image. Il s'est prouvé, donc, que ce sujet mérite plus étude, de telle façon pour que ce soit possible d'identifier et de refléter sur les préjudices et les traditions qui se perpétuent dans la bibliothéconomie, ainsi que pour les dépasser et pour assurer la reconnaissance de la performance professionnelle de la part de la société.

Mots - clé : Bibliothécaire. Stéréotype. Média.



## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

|                 |   |    |
|-----------------|---|----|
| Ilustração 1 -  | Gregos em Saraus Literários .....                                 | 15 |
| Ilustração 2 -  | A educação de Alexandre O Grande por Aristóteles .....            | 16 |
| Ilustração 3 -  | Jovens antenieses .....   | 16 |
| Ilustração 4 -  | Pintura romana .....  | 17 |
| Ilustração 5 -  | O ensino nas escolas monásticas .....                             | 18 |
| Ilustração 6 -  | Monge bibliotecário .....   | 19 |
| Ilustração 7 -  | Biblioteca do Vaticano .....                                      | 22 |
| Ilustração 8 -  | Biblioteca Nacional da França .....                               | 22 |
| Ilustração 9 -  | Livros acorrentados .....   | 23 |
| Ilustração 10 - | O Stationari .....  | 24 |
| Ilustração 11 - | Hulboldt em sua biblioteca .....                                  | 25 |
| Ilustração 12 - | Rato de biblioteca .....  | 26 |
| Ilustração 13 - | A bibliotecária .....   | 27 |
| Ilustração 14 - | A bibliotecária da década de 60 .....                             | 30 |
| Ilustração 15 - | Bibliotecários .....  | 39 |
| Ilustração 16 - | Libertação .....  | 40 |
| Ilustração 17 - | Bibliotecária da Dança do Ventre .....                            | 41 |
| Ilustração 18 - | Bibliotecárias sexy .....   | 42 |
| Ilustração 19 - | Propaganda da Sony de Reader Digital Book .....                   | 43 |
| Ilustração 20 - | A típica bibliotecária .....                                      | 44 |
| Ilustração 21 - | Quadrinho publicado no Jornal Folha de São Paulo, 15/08/1984 .... | 45 |
| Ilustração 22 - | Quadrinhos publicados no Jornal Diário do Nordeste, 26/02/1999    | 45 |
| Ilustração 23 - | Piratas do Tiête .....  | 46 |
| Ilustração 24 - | Piadinha .....  | 47 |
| Ilustração 25 - | Aang e seus amigos .....  | 55 |
| Ilustração 26 - | Ilustração da biblioteca de Wan Shi Tong .....                    | 56 |
| Ilustração 27 - | Parte interna da biblioteca .....                                 | 57 |
| Ilustração 28 - | Wan Shi Tong .....  | 58 |
| Ilustração 29 - | Wan Shi Tong, perseguindo os usuários .....                       | 59 |
| Ilustração 30 - | Katara aterrorizada .....   | 61 |



|                                     |    |
|-------------------------------------|----|
| Ilustração 31 - Professor Zei ..... | 61 |
| Ilustração 32 - Aang .....          | 62 |

## SUMÁRIO

### LISTA DE ILUSTRAÇÃO

|              |  |    |
|--------------|--|----|
| <b>1</b>     | <b>INTRODUÇÃO</b> .....                                | 11 |
| <b>2</b>     | <b>DA ESCRITA ÀS PRÁTICAS LEITORAS</b> .....           | 14 |
| <b>2.1</b>   | <b>O remédio da alma</b> .....                         | 15 |
| <b>2.2</b>   | <b>O tesouro de um mosteiro</b> .....                  | 18 |
| <b>2.3</b>   | <b>A luz do saber do Renascimento</b> .....            | 23 |
| <b>2.4</b>   | <b>Formando o social ou técnico</b> .....              | 28 |
| <b>2.5</b>   | <b>É preciso ser uma “metamorfose ambulante”</b> ..... | 31 |
| <b>3</b>     | <b>DAS FORMAÇÕES DO ESTEREÓTIPO</b> .....              | 35 |
| <b>3.1</b>   | <b>Uma nova roupa num conteúdo antigo</b> .....        | 38 |
| <b>4</b>     | <b>O OLHAR ESPETACULAR DA MÍDIA</b> .....              | 48 |
| <b>4.1</b>   | <b>Água, Terra, Fogo, Ar...</b> .....                  | 53 |
| <b>4.1.1</b> | <b>A biblioteca perdida</b> .....                      | 54 |
| <b>5</b>     | <b>CONCLUSÃO</b> .....                                 | 63 |
|              | <b>REFERÊNCIAS</b> .....                               | 65 |

## 1 INTRODUÇÃO

Meu primeiro contato com uma biblioteca<sup>1</sup> e um bibliotecário foi por volta dos cinco anos. Desse momento só guardo lembranças agradáveis. Eu não sabia ler direito, mas isto não me impediu de freqüentar a biblioteca, ela era um verdadeiro parque de diversões, com brincadeiras e muitos risos. Os bibliotecários realizavam diversos projetos de incentivo à leitura como contação de histórias, leituras em grupo, fantoches, filmes, entre outros.

Aos treze anos, visitei a biblioteca pública Dolor Barreira, pois tive que fazer uma pesquisa. Eu imaginava que a biblioteca pública seria, pelo menos, cinco vezes maior que a biblioteca escolar, entretanto, a biblioteca era escura, úmida, apertada, com funcionários carrancudos, além de os livros estarem desorganizados.

Aos poucos fui me sentindo atraída por essa profissão e, ao pesquisar mais sobre a carreira, o curso, o papel social da biblioteca e do bibliotecário, descobri que havia uma imagem cristalizada no imaginário da maioria das pessoas. Ao comentar com amigos sobre meu interesse, ele diziam, inclusive, que eu não tinha “cara de bibliotecária”. A imagem, em geral, é a de uma velha chata e feia, sem estilo e que está sempre fazendo “shiiii”.

Poucos estudos na literatura da área de biblioteconomia abordam a estereotipia, a baixa auto-estima, a feminização da profissão e a difusão da imagem pelos meios de comunicação de massa, talvez por considerarem desnecessário. Contudo, a imagem negativa, muitas vezes, é um entrave no exercício da profissão.

A indagação que motivou este estudo está centrada no questionamento de como a mídia contribui para a popularização do estereótipo do bibliotecário. A partir daí, surgiram outras indagações: haveria uma relação especial entre o passado e presente que contribuísse para o surgimento e manutenção do estereótipo? O que é o estereótipo? Qual a influência do estereótipo no imaginário do profissional de biblioteconomia? A mídia estaria inventando ou apenas refletindo uma imagem, de fato, existente?

---

<sup>1</sup> Biblioteca do SESI da Parangaba. Anos de 1988-1989

Diante de tais indagações decidiu-se fazer uma pesquisa de cunho exploratório, que tem como finalidade desenvolver e esclarecer conceitos e idéias, tendo em vista a formulação de problemas delicadíssimos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Para tanto, se apoiou em um levantamento bibliográfico, documental e estudos de caso.

Este estudo está organizado de forma a permitir uma maior reflexão sobre este tema de fundamental importância, que nos ajuda a entender o próprio sentido de o que é ser bibliotecário. De forma que no capítulo introdutório faz-se um breve relato a respeito da justificativa da escolha do tema, inclui-se também a descrição do tipo de pesquisa realizada.

No capítulo dois, traça-se a trajetória histórica da biblioteca, bibliotecários e biblioteconomia. Neste capítulo procurou-se também evidenciar a importância da formação acadêmica e de uma postura mais dinâmica frente ao novo contexto social.

No capítulo três, descreve-se a gênese do estereótipo e aponta os fatores que favorecem a manutenção do mesmo. Levantou-se e analisou-se algumas imagens de bibliotecários reproduzidos pelos meios de comunicação. Por fim, apontou-se o surgimento do dualismo da imagem, entre o sagrado e o profano, do bibliotecário.

No capítulo quatro, indica-se o papel que os meios de comunicação de massa tiveram na fixação e popularização do estereótipo e na constituição do imaginário. Exemplificando com a representação da biblioteca e do bibliotecário no desenho Avatar.

Cada vez mais a mídia influencia decisões, interfere arbitrariamente na formação de opiniões, pondo em choque culturas e estereótipos, pessoas e profissões. Estereótipos negativos causam problemas para o grupo estereotipado e para a sociedade em geral, pois percepções e crenças distorcidas a respeito de um grupo ou pessoa podem influenciar seu comportamento, afetando a forma como seus membros percebem e valorizam a si mesmos, deixando, muitas vezes, de realizar sua função social e seu trabalho adequadamente.

A imagem do profissional bibliotecário perde muito com a influência da mídia. Mas deve-se ter em conta que o público individualiza as suas escolhas e a forma de classificar a partir da sua realidade. O agravamento do estereótipo dar-se quando o público com suas



experiências pessoais, confirma a imagem veiculada pela mídia, em especial nas novelas, nos filmes e nas séries.

Entender e identificar a presença ou ausência destes estereótipos em uma população é o primeiro passo para a discussão de estratégias de enfrentamento e divulgação da verdadeira profissão, revertendo ao profissional a valorização do seu trabalho pela sociedade.

Através deste estudo procurou-se sugerir que existem ainda diversos fatores, que não os meios de comunicação de massa, que mantêm a imagem estereotipada, merecendo, dessa forma, serem estudados com mais atenção e especificidade para que se chegue a uma análise mais precisa no que diz respeito ao estereótipo e os seus efeitos na vida profissional dos bibliotecários e na própria sociedade.

## 2 DA ESCRITA ÀS PRÁTICAS LEITORAS

A atividade do bibliotecário aparece como uma resposta a uma necessidade do homem, ser inteligente e de vida social, que procurou registrar suas experiências desde os tempos mais remotos. Com o aparecimento dos primeiros documentos em tábuas de argila surge a figura da pessoa que guarda, organiza e cuida da classificação desses registros e de sua recuperação. Devendo ficar claro que a imagem da biblioteca e do bibliotecário aparece antes mesmo do surgimento dos livros.

Historicamente a palavra biblioteca tem um caráter proibitivo e estático. Etimologicamente “biblioteca” tem sua origem do grego *biblion* (livro) e *teke* (caixa, depósito), portanto um depósito de livros (HOUAISS, 2001), ou seja, é mais um lugar onde se esconde o livro do que um lugar de onde se procura fazê-lo circular ou perpetuá-lo. E assim foi a biblioteca desde os seus primeiros dias até o fim da Idade Média.

Tanto as bibliotecas da antiguidade quanto as medievais eram situadas em lugares de difícil acesso, onde até sua arquitetura era a de um depósito de livros, tudo para distanciar o leitor comum.

Poucos leitores existiam nessa época, pois o processo de alfabetização foi lento mesmo em classes nobres, que além de representarem uma parcela ínfima da população, eram compostas de poucos indivíduos capazes de ler e escrever. O povo não dispunha nem de tempo e nem de meios (MARTINS, 2001). O que explica o fato de, mesmo com o aparecimento da escrita, a literatura ter permanecido oral até o fim da Idade Média.

De acordo com a história, os suportes variaram de formato de acordo com o desenvolvimento das técnicas utilizadas. Já foram usados materiais como tabletas de argila, rolos de papiro e pergaminho e os enormes códices que eram enclausurados nos mosteiros medievais. Só depois de séculos é que surge o livro. Sendo a biblioteca, portanto, constituída de suportes informacionais.



## 2.1 O remédio da alma

Entre as bibliotecas da antiguidade a mais famosa de todas foi a de Alexandria, que possuía mais de setecentos mil volumes. Mas, em 642 a.C, os Mulçumanos não hesitaram em destruí-la, por motivos religiosos, justificativa utilizada para tantos outros incêndios no decorrer da história.

Mas existiram outras bibliotecas consideráveis na antiguidade. A de Pérgamo, que continha em torno de duzentos mil volumes, a do Rei Assurbanipal, encontrada em 1854, cujas tabletas de argila encontram-se hoje recolhidas no Museu Britânico.

Na Grécia, a primeira biblioteca somente foi estabelecida por Pisístrato (560-527 a.C) com o objetivo de reunir as obras de Homero e outros épicos. Talvez o caráter oral da literatura grega explique esse atraso na implantação de bibliotecas. Assim, o povo letrado grego, a “pátria das letras e das artes”, não possuía bibliotecas.

Entretanto, após a implantação das bibliotecas, os gregos se esforçaram para enriquecer consideravelmente suas coleções com suas próprias produções. Os gregos desprezavam outras culturas. As coleções passaram a serem lidas em público e em voz alta (Saraus Literários), as praças funcionavam como ponto de venda e lugar de encontro de eruditos, que tinham a tarefa da difusão do livro (MARTINS, 2001). Livro é para estudo, é o remédio da alma, assim o livro era visto pelos antigos.



Ilustração 1 Gregos em Saraus Literários  
Fonte: [www.art.com](http://www.art.com)





**Ilustração 2 A educação de Alexandre O Grande por Aristóteles**  
 Fonte: [www.art.com](http://www.art.com)



**Ilustração 3 Jovens antenieses;** Fonte: [www.art.com](http://www.art.com)

O império romano utiliza-se da imagem da biblioteca, associada aos templos, para aumentar seu próprio prestígio, com a divulgação escrita de suas conquistas e de sua cultura. Por volta do século IV, Roma possuía pelo menos 28 (vinte e oito) bibliotecas públicas, com cerca de 20 000 rolos cada uma (MARTINS, 2001).



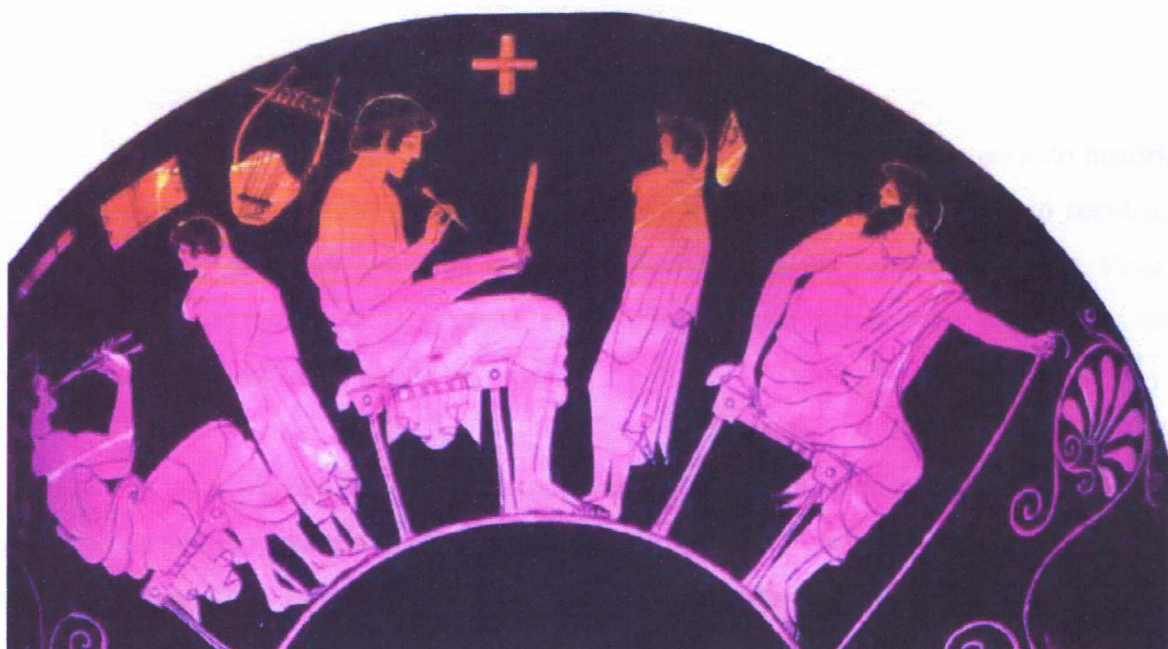


Ilustração 4 Pintura romana; Fonte: [www.art.com](http://www.art.com).

Na antiguidade, filósofos, astrônomos e filólogos eram bibliotecários. A preservação e organização dos manuscritos eram as funções do bibliotecário, formando assim uma imagem positiva. O sonho dos bibliotecários dessa época era reunir em seu acervo a totalidade da literatura existente. Os exemplares eram arrumados em ordem sistemática. Os bibliotecários tinham o cuidado de manter as coleções completas e restaurar as obras defeituosas. Destacam-se os primeiros passos dados para estabelecer uma política de formação de acervos, através de negociações com autores, comerciantes, colecionadores, além da prática de copiar os livros que estivessem sendo transportados nos navios que aportavam. (McGARRY *apud* LOUREIRO; JANNUZZI, 2005).

Em relação à imagem do bibliotecário, entendendo bibliotecário como quem ‘cuidava’ dos livros, remete-nos à figura do clérigo, seja ele um monge ou qualquer outro homem de Deus, não importando aqui o título, já que as bibliotecas eram praticamente todas situadas em mosteiros, igrejas e instituições religiosas medievais, quaisquer que fossem elas. Ainda que as reflexões mais amígdalas sobre os muitos estereótipos do bibliotecário só apareçam no último capítulo deste trabalho, já é possível perceber o primeiro deles: o bibliotecário como guardião dos livros, aquele a quem a guarda dos livros era confiada.

## 2.2 O tesouro de um mosteiro

Em 476 A.C, Roma é tomada pelos povos do norte, tem início o período histórico conhecido como Idade Média. Depois das invasões bárbaras, do quinto ao oitavo séculos, o Ocidente reorganiza-se em torno de uma nova aristocracia, os senhores feudais. Com o Feudalismo, as criações culturais caem a um nível muito inferior ao alcançado pelas realizações da Antigüidade clássica.

A partir do século VII, as únicas fontes de preservação da cultura eram as escolas ligadas às catedrais e mantidas pelos bispos para a formação do clero. Além de cuidar do ensino, foi também a Igreja que continuou a contratar artistas, construtores, carpinteiros, marceneiros, vitralistas, decoradores, escultores e pintores, pois as igrejas eram os únicos edifícios públicos que ainda se construíam (MARTINS, 2001).



**Ilustração 5 O ensino nas escolas monásticas;**  
Fonte: [www.art.com](http://www.art.com)

No período medieval, o livro era usado no serviço religioso, nas atividades missionárias e nas escolas catedralícias e conventuais. Eram nas oficinas monásticas que os jovens se preparavam para mais tarde trabalhar nas catedrais e em oficinas de produção de livros.



Os aprendizes eram admitidos nos mosteiros após exames que testavam sua capacidade de escrever bem, anotar sob ditado, vigiar que títulos e capítulos correspondessem ao original e, após a admissão, executavam tarefas comuns e pouco minuciosas como limpeza de penas e risco das linhas.

As atividades nos mosteiros eram rígidas, cada um tinha sua obrigação. Os copistas e iluminadores, mais experientes, produziam os manuscritos, eles podiam revezar-se para os livros que comportavam um grande número de páginas ou de grande dificuldade técnica. O "armarius", que era o monge que supervisionava o trabalho, repartia as tarefas, controlava o trabalho, corrigia os erros para que a cópia fosse fiel e cuidava também do estoque de material no atelier.



**Ilustração 6** Monge bibliotecário;  
**Fonte:** A palavra escrita

Outros monges exerciam as funções de bibliotecário, assegurando a guarda dos livros e o controle de sua utilização.

A imagem do bibliotecário medieval como “guardião do saber” é bem representada por Umberto Eco em seu romance histórico “O Nome da Rosa”, que se passa numa abadia italiana no final de 1327, e conta a história da investigação do assassinato em série de seus monges, onde a biblioteca e os livros entram como peças chave no mistério. Assim, têm-se muitas descrições desses elementos, ilustrando bem o bibliotecário, a biblioteca, o livro e a preocupação com o saber medieval.

Somente o bibliotecário recebeu o segredo do bibliotecário que o precedeu, e o comunica, ainda em vida, ao ajudante-bibliotecário, de modo que a morte não o surpreenda, privando a comunidade desse saber. [...] Somente o bibliotecário, além de saber, tem o direito de mover-se no labirinto dos livros, somente ele sabe onde encontrá-los e onde guardá-los, somente ele é responsável pela sua conservação. [...] somente o bibliotecário sabe da colocação do volume, do grau de sua inacessibilidade, que tipo de segredos, de verdade ou de mentiras o volume encerra. Somente ele decide como, e se deve fornecê-lo ao monge que o está requerendo [...] (ECO, 2003, p. 44).

Um ponto curioso neste exemplo citado é a expressão grau de inacessibilidade do livro, onde o bibliotecário assume o livro como objeto inacessível, que deve estar fora do alcance de qualquer outra pessoa, e sobre o qual ele tem o poder de decidir se pode ou não ser emprestado a quem o requer. A disposição da biblioteca era complexa, somente o bibliotecário sabia precisamente a localização de um livro. Por trás desse comportamento ideológico do bibliotecário talvez já estivesse a semente de outro estereótipo do bibliotecário que durante o século passado atualizou-se na figura da mulher, que é o de uma pessoa sempre sisuda, simbolizando uma autoridade que garantiria a “proteção” do livro, evitando, metaforicamente, que a “draga encontrasse o poço” (FEITOSA, 1998).

O modo de leitura era bizarro, às vezes se procedia numa única direção, às vezes se andava para trás, às vezes num círculo, freqüentemente, como disse, uma letra servia para compor duas palavras diferentes (e nesses casos a sala tinha um armário dedicado a um assunto e um a um outro). Mas não havia evidentemente que se procurar uma regra áurea naquela disposição. Tratava-se de mero artifício mnemônico para permitir ao bibliotecário encontrar uma obra. Dizer que um livro se achava na *quarta Acaiae* significava que estava na quarta sala, a partir daquela em que se aparecia o A inicial, e quanto ao modo de individuá-la, supunha-se que o bibliotecário soubesse de cor o percurso, reto ou circular, a ser feito. (ECO, 2003, p. 310).

Com o passar do tempo e com as novas idéias do Renascimento, estes monges foram vistos como aqueles que impediam o acesso ao conhecimento e a verdade. Causa e



efeitos inverteram-se: interpretou-se que a causa de uma era de proibição, e a chave, foi a ação pessoal destes monges, não o efeito lógico das idéias estabelecidas pela igreja e da estrutura de poder canalizados eficazmente pelos monastérios. O estereótipo centrou-se na pessoa e não no contexto.

Neste período, as obras consideradas pagãs e perigosas, principalmente as da antiguidade, eram destruídas, e a biblioteca e o livro eram tidos como sagrados, sendo considerados o tesouro de um mosteiro. (FONSECA *apud* LOUREIRO; JANNUZZI, 2005). É somente no século XV que as bibliotecas vão deixando de ser apenas um “deposito de livros” para se transformarem em instituições modelo, que possuíam regulamentos disciplinares para seu uso. (LOUREIRO; JANNUZZI, 2005)

Mesmo modificada, não perdeu o seu significado conferido historicamente. A biblioteca, o livro e o bibliotecário permanecem ligados à força à imagem de sagrado. E ainda são responsáveis pela visão de biblioteca e bibliotecário que temos.

Conseqüentemente, pode-se afirmar que a biblioteca esteve presente na visão do homem como parte integrante da organização social, ainda que tenha vigorado a imagem de algo intocável, divino, um templo onde o ser humano deve silenciar. (SILVA, 2000).

O sacerdote monopolizou, durante séculos, todos os conhecimentos religiosos, literários e científicos. Contudo, deve-se levar em consideração que o pensamento teocêntrico, predominante na Idade Média, era favorável à existência e à manutenção das bibliotecas monásticas. Mas é graças às célebres bibliotecas e bibliotecários da Idade Média que se conservou até os dias de hoje a literatura clássica.

O gosto pelas letras e pelas artes surge verdadeiramente nas altas classes da sociedade na metade do século XIV. Mas o acontecimento que, de certa forma, decidiu o destino da civilização, e por conseqüência do livro, foi a fundação das universidades. A partir de então surge todo um comércio da produção de livros. Mas, neste primeiro momento, ainda preserva-se a ligação com as ordens eclesiásticas. As bibliotecas universitárias da Idade Média ganham o seu grande desenvolvimento no decorrer do século XV.

Com o surgimento das primeiras universidades surgem alguns problemas: a necessidade de livros para estudantes, acesso aos materiais de estudo e a obrigação de adotar-se de novas maneiras de disponibilizar as informações. “Os usuários passaram a ficar cada vez mais exigentes quanto à organização e à disponibilidade dos conhecimentos registrados”. (LOUREIRO; JANNUZZI, 2005, p.128)



**Ilustração 7** Biblioteca do Vaticano; Fonte: [www.esnips.com](http://www.esnips.com)



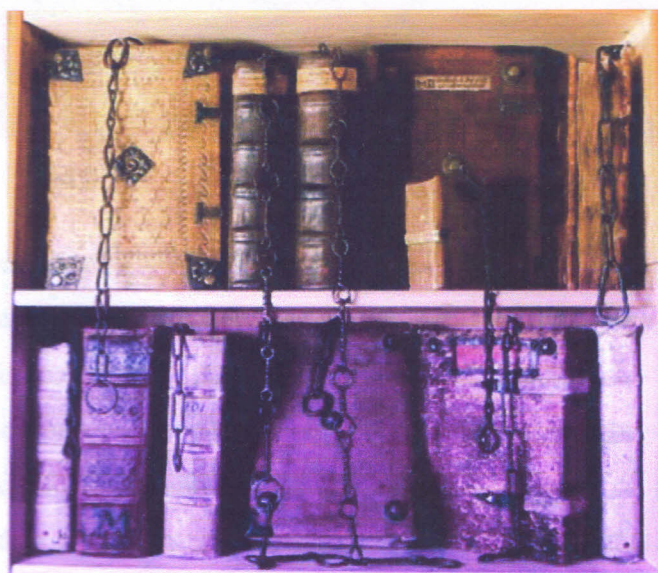
**Ilustração 8** Biblioteca Nacional da França; Fonte: [esnips.com](http://esnips.com)



## 2.3 A luz do saber do Renascimento

No momento em que a Idade Média entrava em decadência dando espaço ao Renascimento, difundiu-se na Europa a tecnologia dos tipos móveis, criada por Gutenberg. “Essa nova situação de acessibilidade dos livros - de papel e impresso – acabou sendo um estímulo ao conhecimento das letras e à absorção de conhecimento.” (MILANESI, 2002, p. 25). Quanto mais se lia, mais se produzia conhecimento, o que aumentava o campo para novos estudos. Este ciclo cresceu, aumentando a relação entre a universidade, a biblioteca e os seus leitores. A biblioteca da Universidade Sorbonne de Paris é um exemplo de biblioteca universitária com origens nas ordens eclesiásticas. No seu interior:

[ . . . ] ao longo das paredes com os livros, que se consultavam em estantes alinhadas no meio da sala. Estas últimas, em número de vinte e oito, acompanhavam-se de cadeiras, assinaladas com as letras do alfabeto. Os livros, na maior parte, têm uma corrente fixada na encadernação, suficientemente longa, entretanto, para permitir o seu transporte. À grande sala de consulta, sucede uma outra mais modesta, que serve de depósito. A meia-altura, tal como uma capela, abrem-se trinta e seis janelas, através das quais a luz filtrada anima e colore os retratos dos benfeitores do Colégio: Robert e seus sucessores ali estão, na pose atenta e imóvel que o pintor fixou no vitral; aí fazem companhia, apesar da morte, aos que continuam a sua obra, encorajando-os com a sua presença e o seu exemplo longínquo e os incitando ao trabalho. *Sacer et augustus locus*, diz o regulamento. Sim, trata-se de um lugar sagrado e augusto, no qual só se entra de beca e boné. Quando a leitura termina, é aconselhável refletir e meditar, passeando devagar ao longo da galeria coberta que rodeia a biblioteca. Depois, quando as sombras da noite se adensam, cada um se recolhe a sua casa, visto ser proibido, por prudência, trazer lanternas [ . . . ]. (BONNEROT, Jean, [1927], p. 5-6 *apud* MARTINS, 2001, p. 89-90).



Chained bindings.  
Austria and Germany, 14th - 15th c.

**Ilustração 9 Livros acorrentados; Fonte: [www.esnips.com](http://www.esnips.com)**



Por causa das universidades renasceu na Europa um autêntico comércio de livros dedicados ao ensino. O livro voltou a ser objeto de mercado e reapareceram, de forma diferente, o copista (librari) e o vendedor laico (stationari). As mulheres também copiavam e vendiam livros.

Surgem os profissionais da cultura, pessoas que doravante viverão do trabalho intelectual. Os temas científicos, históricos, legais e literários são mais abundantes que os religiosos e o latim é substituídos pelas línguas vernáculas.



Ilustração 10 O stationari; Fonte: [www.esnips.com](http://www.esnips.com)

A partir do século XVI, com o descobrimento de novas terras e novas culturas além-mar, a ciência começa a se desenvolver desmistificando posições impostas pela Igreja. A volta à cultura clássica trouxe a preocupação com o ser humano, com suas dimensões e necessidades, mudando sua concepção de vida do teocentrismo para o antropocentrismo. O crescimento demográfico impulsionou a tradição escrita e a difusão do papel. Neste contexto, a biblioteca universitária ganha espaço, mais autenticidade e autonomia, estendendo sua visão de democratização da informação às bibliotecas posteriores a ela.



Entretanto, os processos de mudança para democratização, especialização e socialização da biblioteca ocorreram lenta e continuamente. A biblioteca moderna rompeu os laços com a Igreja católica, estendendo a todos os homens a possibilidade de acesso aos livros, com isso precisou se especializar para atender as necessidades de cada leitor ou comunidade, deixando de ser passiva, deslocando-se até o leitor, buscando entendê-lo e trazê-lo para a biblioteca. (MARTINS, 2001)

Ocorreram mudanças políticas, econômicas e sociais que modificaram as atitudes da comunidade e o modo de interagir com o livro e com o conhecimento, mas a imagem negativa permaneceu. Roggau ressalta:

El Renacimiento y después la era industrial no aportaron facetas nuevas a las que ya existían; sí hubo un proceso (lógico) continuo de adecuación del aspecto físico en general y una reinterpretación de los hechos; pero la imagen negativa que se origina en el rol de custodio (pero que no difunde el conocimiento) adjudicado a aquellos monjes permaneció intacta. El estereotipo estaba construido y se acomodaba a los nuevos tiempos. La función de preservador y organizador sí fue aceptada como la esencia misma de la profesión; son las que todas las sociedades de todos los tiempos le han adjudicado, en cambio las facilidades para el acceso y la difusión seguían ausentes en la imagen que la gente tenía de los bibliotecarios. (ROGGAU, 2006, p21)



Ilustração 11 Hulboldt em sua biblioteca; Fonte: [www.art.com](http://www.art.com)



A biblioteca moderna, nascida na Renascença, trouxe também o bibliotecário como um profissional reconhecido. Até meados do século XIX, as bibliotecas empregavam eruditos e escritores para esta função. Porém, devido à especialização do público e, conseqüentemente, do acervo, sentiu-se necessidade de um profissional com formação especializada que pudesse tratar tecnicamente dos materiais existentes na biblioteca. A especialização permanece até os dias de hoje, favorecida pela grande produção científica e pela facilidade de sua divulgação. (MARTINS, 2001).

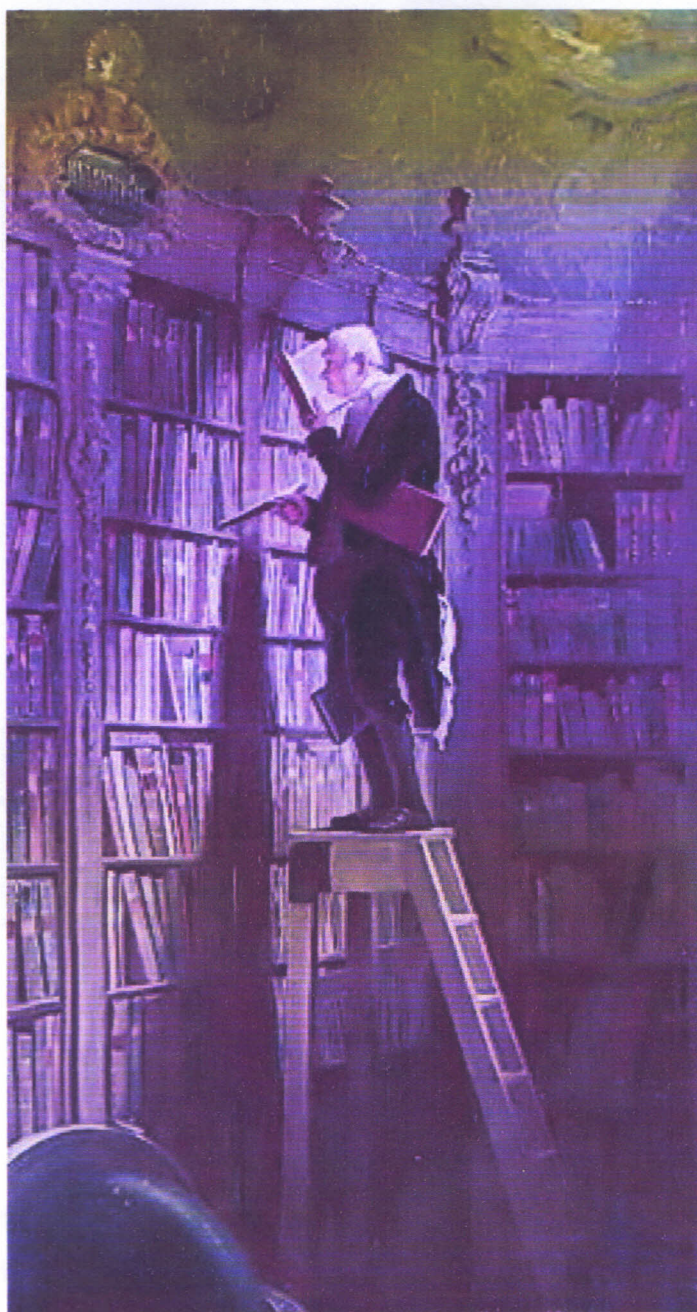


Ilustração 12 Rato de biblioteca; Fonte: [www.art.com](http://www.art.com)



Contudo, o estereótipo herdado pelo bibliotecário é o de um profissional tímido, rotineiro, dogmático, acomodado, conservador, rude, reservado e pouco comunicativo. Essas são características negativas que foram construídas e adaptadas através do tempo por uma comunidade moderna e criativa e que exige um profissional comunicativo, criativo, desenvolto, atuante e inovador. Entretanto, os bibliotecários estão presos à imagem de guardião de livros (OLIVEIRA, 1983).

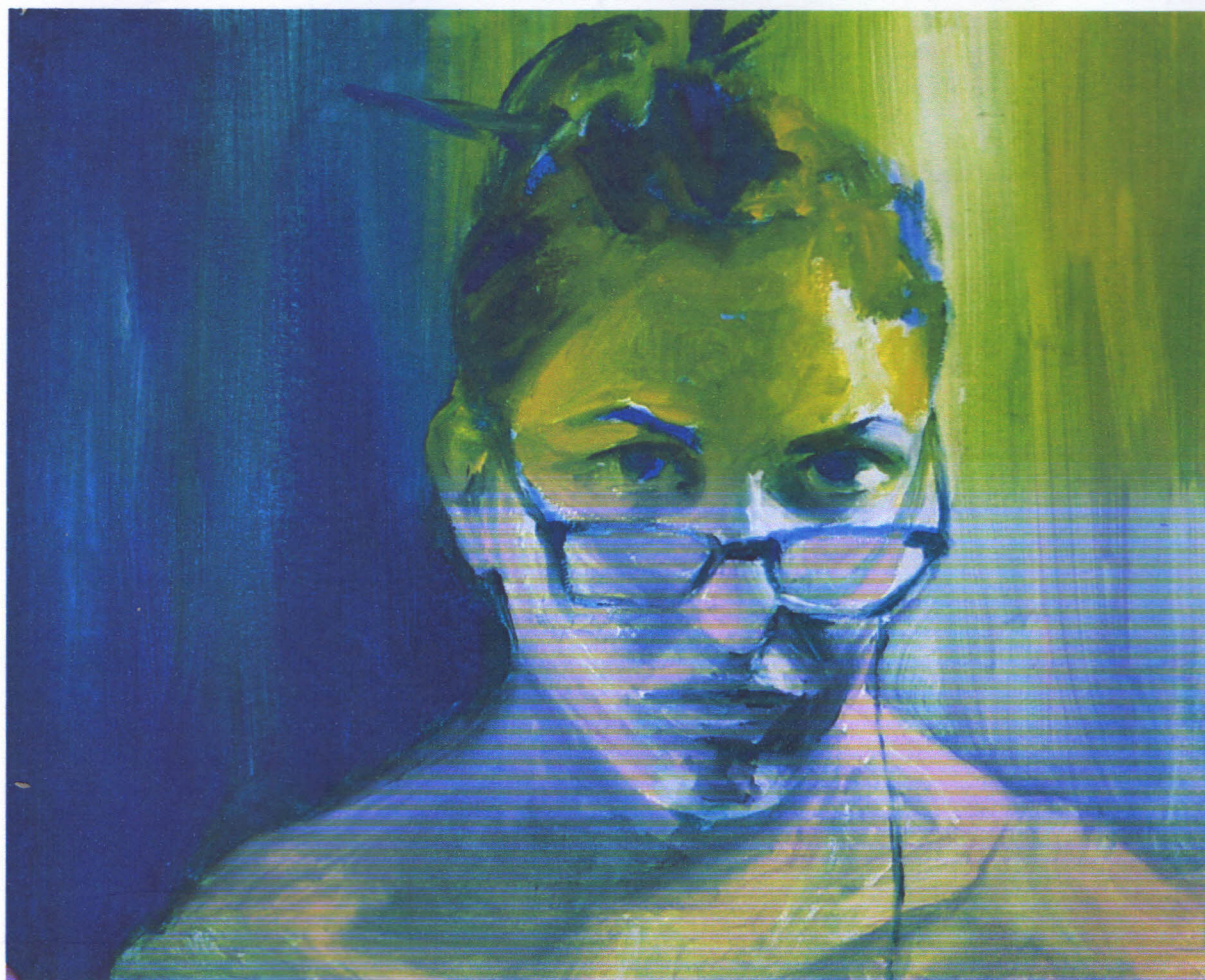


Ilustração 13 A bibliotecária; Fonte: [www.art.com](http://www.art.com)

O final da Segunda Guerra Mundial trouxe o computador e a informática para facilitar o trabalho nas bibliotecas. Todavia, de imediato ele não foi compreendido assim. Com o transcorrer do tempo, o computador diminuiu de tamanho e aumentou sua potência, saindo dos ambientes dos laboratórios de cientistas, passando a ter uso pessoal. O desenvolvimento da informática possibilitou a criação da *internet*, que rompeu com a comunicação unidirecional (MILANESI, 2002).



## 2.4 Formando o social ou técnico

O primeiro fato expressivo para a área no Brasil acontece com a vinda da coleção de livros trazida por D. João VI em 1808.

O Brasil despertou para os livros a partir do desembarque de D. João VI no País, em 7 de março de 1808. A esquadra do monarca português, formada por oito naus, três fragatas, dois brigues, uma escuna de guerra, uma charrua de mantimentos e mais 20 navios mercantes foi pequena para acomodar 15 mil portugueses que fugiam da Europa temendo as invasões napoleônicas. (CASTRO, 2002, p.2).

Constata-se, que, no Brasil, a carreira tem como primeiro profissional um membro da Igreja Católica. O padre José Antonio dos Reis é descrito por Ellis, 1950 *apud* Castro (2002, p.63) “[...] exemplo de coragem e de tenacidade esse primeiro bibliotecário público de São Paulo, cujo espírito primou pela ordem e civismo”.

O ano de 1911 marcou a criação do primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil (Decreto n.8 835, de 11 de julho de 1911) dentro da estrutura administrativa da Biblioteca Nacional. Do currículo deste curso constavam as disciplinas bibliografia, paleografia, diplomática, iconografia e numismática. Este currículo foi influenciado pela “*École de Chartes*”, predominando, assim, a influência francesa na formação dos primeiros bibliotecários (OLIVEIRA, 1983).

Dentro deste quadro de fundo, o segundo curso foi criado em São Paulo, em 1935, em resposta às necessidades das bibliotecas que não possuíam o acervo característico da Biblioteca Nacional e se ressentiam com a falta de bibliotecários com uma formação mais prática para a realização de seus serviços o currículo desse curso inaugurou a fase de influência norte-americana (OLIVEIRA, 1983), caracterizada pela ênfase em catalogação, classificação e referência.

Como pode-se observar, os primeiros cursos de Biblioteconomia brasileiros têm princípios diferenciados. O curso da Biblioteca Nacional é orientado pelas idéias humanistas européias e o curso do Instituto Mackenzie é influenciado pela visão tecnicista americana. Como resultado surgem perfis diferenciados no mercado de trabalho no eixo Rio e São Paulo. O profissional egresso do curso da Biblioteca Nacional era um erudito-guardião da memória



nacional, preocupado com problemas de cultura e o de São Paulo um técnico (CASTRO, 2002).

A partir do currículo estabelecido em São Paulo, proliferam as escolas de Biblioteconomia. O bibliotecário erudito cede lugar ao bibliotecário técnico, voltado para o desempenho de atividades técnicas, para o trabalho interno de organização da biblioteca, mas despreparado para o trato de problemas culturais e para o auxílio aos leitores (OLIVEIRA, 1983).

Na década de 50, com o surgimento das bibliotecas especializadas, das bibliografias e do antigo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD). Castro (2000) mostra que a necessidade de erudição (ou generalista) é abandonada pela especialização e, na seqüência, aparece a expressão “servo do saber” que é relacionada com os documentalistas, uma especialização do bibliotecário ou um bibliotecário que optou por se especializar numa área do conhecimento e que trabalhava com bibliografia especializada.

Com o currículo mínimo obrigatório, em 4 de dezembro 1962 (OLIVEIRA, 1983), promove-se a padronização dos cursos que privilegia método, técnicas, processos de organização documental, porém com uma complementação cultural. Têm-se, até esse período, novamente a ordem, a preservação e o controle permeando as tarefas do profissional, convivendo com disciplinas de cultura geral. Mas de um modo geral o ensino da Biblioteconomia ainda permaneceu sendo predominantemente prático, dogmático, descoordenado e acrítico (LEMONS *apud* OLIVEIRA, 1983). As críticas ao currículo de 1962 salientavam a falta de formação de profissionais criativos, dotados de iniciativa e não amedrontados; entretanto, eram formados profissionais orientados apenas para o nível operacional.

O bibliotecário passa a ser o “servo do saber” carente de saber, criatividade, autoridade, autonomia, dinamismo, além de pouco sensibilizado para a função social da profissão.

Assim, disseram-nos há algumas décadas atrás que o bibliotecário era o “servo dos servos da ciência”, isto é um profissional sem identidade própria, um técnico encarregado de apenas processar a coleção e colocá-la à disposição daquele público privilegiado. Um profissional amorfo, passivo, pretensamente neutro, de atuação secundária nos bastidores. Essa seria, então, uma biblioteconomia circunstancial,

apêndice, a qual prevaleceu por longo tempo e, infelizmente, ainda persiste como modelo para profissionais acomodados. (VIEIRA, 1983, p.84)

Com os cursos de mestrado que começam na década de 70 surgem estudos sobre a atuação, educação e tarefas do bibliotecário e a instituição biblioteca.



**Ilustração 14 A bibliotecária da década de 60;**  
**Fonte: [www.kimbooktu.wordpress.com/](http://www.kimbooktu.wordpress.com/)**

Sobre o profissional, em 1980, Oliveira (1983) apresenta sua dissertação sobre a auto-imagem do bibliotecário. A autora utilizou uma abordagem da psicologia organizacional, possibilitando, através de uma metodologia bem estruturada, explorar como os bibliotecários percebiam o trabalho e a profissão.



Smit comentando a imagem do bibliotecário e o trabalho de Oliveira.

Não adianta tapar o sol com a peneira, a imagem vai mal, e não somente na ficção, mas também na realidade. A dissertação da Zita de Oliveira avalia a auto-imagem do bibliotecário, dando a palavra aos próprios profissionais. E esta imagem é mais complexa do que a imagem esquematizada pela ficção, mas nem por isto melhor. (SMIT, 1982, p.2)

Chegou a era da informação tecnológica e é preciso vestir um outra roupagem. Novas preocupações surgem chega-se à noção da biblioteca sem paredes, para o bibliotecário tudo isso tem uma influência muito grande na sua atuação.

Todavia, a preocupação mor das escolas de biblioteconomia tem sido, de maneira geral, muito mais em relação às técnicas do que com o aspecto ou função social da profissão (FIGUEIREDO *apud* OLIVEIRA, 1983). Mas se assim continuar o bibliotecário técnico ou o conhecedor de livros irá desaparecer. A nova sociedade necessita de um profissional com formação interdisciplinar, criativo, imaginativo e com iniciativa. Não é possível continuar a ser um bibliotecário medieval numa sociedade que possui bibliotecas sem paredes.

Como se observa o desenvolvimento da tecnologia fez o livro perder o caráter de objeto sagrado e secreto e passou a ser visto como um instrumento para o aperfeiçoamento.

As novas tecnologias vieram alterar de maneira significativa a relação livro e leitor. A mídia eletrônica tornou possível, pela primeira vez, no mesmo suporte, o texto, a imagem e o som. Tornando possível a disponibilidade universal das palavras. Mais que nunca se faz necessário a preservação e o controle da informação.

## 2.5 É preciso ser uma “metamorfose ambulante”

A Biblioteconomia foi profundamente afetada pelas novas tecnologias, cada vez mais ela se torna um campo multidisciplinar. Novas atividades surgiram no fazer bibliotecário devido às novas necessidades sociais, levando o profissional a suplantar sua função tradicional.

Em 1935 Ortega e Gasset já conjecturavam que a missão do bibliotecário não seria somente a simples administração da “coisa-livro”. Vários<sup>2</sup> autores, entretanto, ratificam que é necessário acabar com a inércia profissional e que a falta de reconhecimento da Biblioteconomia como profissão demanda das atitudes dos próprios bibliotecários, e propõem a substituição da preocupação com o livro como objeto no espaço por uma atitude mais especulativa a respeito do trabalho bibliotecário. Um bibliotecário mais útil e dinâmico, como alternativa para mudar a imagem de ineficiência freqüentemente associada à profissão (OLIVEIRA, 1983).

A literatura brasileira da área de biblioteconomia também demonstra essa preocupação com as atitudes profissionais do bibliotecário. Farina *apud* Oliveira (1983), em 1953, considerou a realidade profissional desalentadora, pois falta a consciência interior do que é o bibliotecário, para quê existe a biblioteconomia e qual papel a biblioteconomia desempenha perante a sociedade.

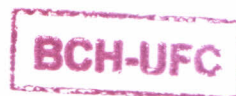
A auto-imagem dos bibliotecários ainda é atrelada ao paradigma da biblioteca como o principal ou único posto de trabalho, que não os levaria a pleitear vagas em outros ambientes, em particular, nos empresariais. Contudo, segundo a pesquisa da Oliveira feita sobre a auto-imagem, em 1983, demonstrou-se que os profissionais esperavam pouco da profissão por considerá-la estática. Os profissionais não competiam, não desenvolviam senso de progressão, não se sentiam reconhecidos, não eram dinâmicos, eram rotineiros e inseguros. Goffaman esclarece que talvez essas atitudes sejam frutos também do estereótipo negativo e estático do profissional.

Ter consciência da inferioridade significa que a pessoa não pode afastar do pensamento a formulação de uma espécie de sentimento crônico do pior tipo de insegurança que conduz à ansiedade e, talvez a algo ainda pior, no caso de se considerar a inveja como realmente pior do que a ansiedade. O medo de que os outros possam desrespeitá-la por algo que ela exiba significa que ela sempre se sente insegura em seu contato com os outros; essa insegurança surge, não de fontes misteriosas e um tanto desconhecidas como uma grande parte de nossas ansiedades, mas de algo que ela não pode determinar. Isso representa uma deficiência quase fatal do sistema do "eu" na medida em que este não consegue disfarçar ou afastar uma formulação definida que diz 'Eu sou inferior, portanto as pessoas não gostarão de mim e eu não poderei sentir-me seguro com elas'. (GOFFAMAN, Erving, 2004, p.14-15)

---

<sup>2</sup> (FRAREY, 1956 ; EATON, 1956 ; LEIGHT & SEWNY, 1960 ; PEARCE, 1974 *apud* OLIVEIRA, 1983)





E por consequência do aspecto negativos da imagem, cria-se um obstáculo e diminui-se assim o poder das bibliotecas no seu papel social de a biblioteca dinâmica, democrática, igualitária e com livre acesso à informação.

O novo bibliotecário deve compreender o panorama histórico em processo, bem como exercer novas funções em sistemas avançados de informação. Sua capacidade intelectual deve sobrepor-se às suas habilidades operacionais. Para atender as novas necessidades que surgem muitos cursos vêm procurando adequar seu currículo às novas demandas da sociedade.

Porém, segundo Castro (2004), devem ser observadas algumas habilidades, tais como:

- a) Domínio das tecnologias de informação;
- b) Aquisição de mais de um idioma;
- c) Capacidade gerencial e administrativa;
- d) Educação continuada;
- e) Administração estratégica;
- f) Adaptabilidade social;
- g) Visão interna e externa do ambiente;
- h) Gestão participativa envolvendo todos os funcionários da unidade de informação;
- i) Tomadas de decisões compartilhadas;
- j) Trabalhar em equipe de forma globalizada e regionalizada;
- k) Deve ser participativo, flexível, inovador, criativo e delegar poderes, facilitando a interação entre os níveis hierárquicos e a comunicação entre eles;

Se compararmos a Biblioteconomia com outras profissões, iremos observar que as repostas aos desafios das novas tecnologias da informação têm sido lenta. Isto ocorre por que até década de setenta, como já exposto, o currículo do curso de graduação em biblioteconomia priorizava a área técnica.

A formação universitária fornece especialistas em disciplinas pré-determinadas, portanto, artificialmente delimitadas. Enquanto uma grande parte das atividades sociais, como

o próprio desenvolvimento da ciência, exige pessoas capazes de um ângulo de visão muito mais amplo e, ao mesmo tempo, de um enfoque dos problemas em profundidade. Implicando em muito mais que a mudança curricular periódica, que só atinge uma parcela dos graduandos. Há que se assumir uma atitude empreendedora.

A mudança na formação profissional não é a única saída, pois exige-se também que se mude a mentalidade do profissional. Tendo em conta que a aplicação do conhecimento tradicional da Biblioteconomia em novos ambientes e contextos não apenas irá ajudar a desenvolver novas oportunidades de mercado de trabalho, mas também contribuirá para o efetivo gerenciamento do acervo de conhecimento da sociedade.

É imprescindível mudar a mentalidade. É imperativo ser outro tipo de profissional, mais preocupado com a realização profissional, mas consciente de seu papel, sobretudo com mais curiosidade. Uma vez que as empresas tendem, na atualidade, a buscar profissionais por determinadas competências e habilidades e não por cargo/profissão.

Neste sentido faz-se necessário considerar, investigar e analisar o processo de construção das imagens estereotipadas, pois a imagem cristalizada do profissional bibliotecário está ligada de forma direta ao baixo status profissional, à definição que os próprios bibliotecários fazem de si e de sua profissão e à percepção que os outros que estão fora da profissão têm.



### 3 DAS FORMAÇÕES DO ESTEREÓTIPO

O contexto histórico apresentado anteriormente é imprescindível para compreender o processo de formação do estereótipo e servirá para guiar a compreensão do como, quando surge, porque e como se mantêm os estereótipos nos dias atuais.

A introdução do termo estereótipo nas ciências sociais se fez por influência direta da obra *Public Opinion* (1922) do jornalista Walter Lippmann<sup>3</sup>, na qual expunha as influências das concepções nacionalistas etnocêntricas nas relações políticas internacionais durante a 1ª Guerra Mundial. Tratava-se de um termo natural do vocabulário tipográfico. Entretanto, adquiriu uma conotação psicossocial, remetendo para “uma matriz de opiniões, sentimentos, atitudes e reações dos membros de um grupo com as características de rigidez e homogeneidade” (SIMÕES *apud* LIMA, 1997, p.2).

É comum a construção de estereótipos como formas de conhecimento não científicos. O uso de estereótipos como categorias para classificar indivíduos e circunstâncias são construídos a partir de experiências e modelos transmitidos pela tradição da comunicação social. No que se refere às características que são selecionadas para categorizar é importante ressaltar que não são inventadas e sim escolhidas em um universo de possibilidades.

Os estereótipos se formam a partir (QUIN *apud* ROGGAU, 2006):

- a) Da identificação de uma condição social;
- b) Da evolução negativa de tal condição social;
- c) Da formulação desta evolução como uma característica inata do grupo;
- d) Da apresentação desta evolução negativa como a causa da condição social ao invés do efeito da mesma;

---

<sup>3</sup> Nessa obra Lippmann procurava pôr em destaque a importância das imagens mentais na interpretação dos acontecimentos da 1ª Guerra Mundial, seguindo-se toda uma série de investigações tendentes a recolher dados sobre as imagens que diversos grupos sociais faziam uns dos outros. Os estereótipos eram visto como componentes dessas representações, tendo-se considerado, subsequentemente, que eles cumpriam funções de seleções e simplificação de informação, impondo uma estrutura no mundo das estimulações externas. (LIMA, 1997p.2)

Os sujeitos detêm categorias super ordenadas, socialmente relevantes (idade, raça, sexo, etc.). A partir destas um novo estímulo individual é subseqüentemente categorizado a um nível mais básico. No entanto, quando a informação disponível acerca de uma pessoa é insuficiente para fazer uma categorização específica, podem-se utilizar generalizações relativas à categorias super ordenadas, que servem como valor por omissão em decisões de categorização. (BREWER, DULL e LUI *apud* LIMA, 1997)

Todos parecemos propensos a identificar as pessoas com as características que para nós são importantes, ou que consideramos como de importância geral. Se se perguntar a alguém quem era Franklin D. Roosevelt, a resposta provavelmente será que ele foi o trigésimo segundo presidente dos Estados Unidos e não que ele era um homem que sofria de poliomielite, embora muitas pessoas, é claro, pudessem mencionar a poliomielite como informação suplementar, considerando interessante o fato de que ele tenha conseguido abrir caminho até a Casa Branca a despeito de sua desvantagem. O aleijado, entretanto, provavelmente pensará na poliomielite do Sr. Roosevelt logo que ouvir o seu nome. (GOFFAMAN, 2004, p.21)

Carecemos ter um simples juízo do que é um bombeiro, um pipoqueiro, um cientista e um bibliotecário significam. A imagem tradicional do bibliotecário é uma maneira eficiente de comunicar certo exemplo de profissão. É uma simbologia eficiente porque é entendida e desentendida por diversas pessoas, ou seja, categorizar situações, grupos e indivíduos é uma necessidade cultural.

Logo o estereótipo pode ser entendido como um conjunto de conhecimentos acerca de traços de personalidades ou atributos físicos que assumimos serem verdadeiros para toda uma classe de pessoas. Do ponto de vista do processamento da informação pode ser compreendida como uma das conseqüências do princípio da economia cognitiva, na qual as representações do conhecimento no sujeito se organizam de tal forma que permita que uma grande quantidade de informação possa ser recuperada com o mínimo de esforço cognitivo. (LIMA, 1997). Simplificando, o estereótipo é uma representação repetida freqüentemente que converte algo complexo em algo simples.

É necessário considerar a necessidade que o individuo tem de assumir que a categoria em que se encontra seja positiva. E é nesse sentido que a cultura e as regras do grupo social a que pertence interfere na formulação do estereótipo do outro, para que esse fique inferior ao seu. O individuo que sustenta um estereótipo sente-se confortável defendendo a generalização que existe em outro grupo, porque assim pode se identificar ao grupo a que pertence e, portanto, senti-se aceito graças às normas sociais que imperam.



A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias: Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. (GOFFAMAN, 2004, p.05)

O subconsciente leva a sério todas as formas de categorização. É por isso que, por mais que se rejeite, individual e coletivamente, a certo grau, nós não aceitamos como correta a imagem estereotipada dos bibliotecários e conseqüentemente temos a tendência a nos comportar de maneira que reforçamos a imagem (LIMA, 1997). E assim o estereótipo se auto-justifica e auto-perpetua o que leva o indivíduo a comporta-se de forma a corresponder à imagem estereotipada que dele se tem.

Uma idéia implícita na noção de "unicidade" de um indivíduo é a de "marca positiva" ou "apoio de identidade", por exemplo, a imagem fotográfica do indivíduo na mente dos outros ou o conhecimento de seu lugar específico em determinada rede de parentesco. [...] A <sup>4</sup>identificação pessoal é substituído pela aparência do corpo e pelo estilo físico. Somente uma pessoa de cada vez pode encaixar-se na imagem é aquela que preencheu os requisitos no passado é mesma que os preenche no presente e os preencherá no futuro. (GOFFAMAN, 2004, p.50-51)

Quando nos defrontamos com uma realidade que se opõe, em parte ou em todo, ao esquema estereotipado, é percebido como uma exceção, mas não se iniciamos uma revisão dos nossos conceitos. Desta forma se uma bibliotecária que se veste de acordo com os padrões da moda, atende com eficiência e gentilmente, contrapondo-se assim com o estereótipo, é tida com uma exceção, não como uma mudança social e cultural da classe biblioteconômica (ROGGAU, 2006). Mas Lima explica que essas exceções tornam-se úteis, pois levam o indivíduo a concluir que algo não está correto na sua forma de pensar no mundo.

No entanto, se essa mudança não for recorrente, será facilmente esquecida ou distorcida e substituída pela imagem tradicional da bibliotecária. Lima esclarece que as tentativas dos sujeitos em suprimir pensamentos estereotipados têm uma vida curta, porque as crenças estereotipadas podem retornar com mais força, logo que os mecanismos inibitórios tenham sido relaxados.

---

<sup>4</sup> Ao usar o termo "identidade pessoal" pretendo referir-me somente às duas primeiras idéias - marcas positivas ou apoio de identidade e a combinação única de itens da história de vida que são incorporados ao indivíduo com o auxílio desses apoios para a sua identidade. A identidade pessoal, então, está relacionada com a pressuposição de que ele pode ser diferenciado de todos os outros e que, em torno desses meios de diferenciação, podem-se apegar e entrelaçar, como açúcar cristalizado, criando uma história contínua e única de fatos sociais que se torna, então, a substância pegajosa a qual vêm-se agregar outros fatos biográficos. O que é difícil de perceber é que a identidade pessoal pode desempenhar, e desempenha, um papel estruturado, rotineiro e padronizado na organização social justamente devido à sua unicidade. (GOFFAMAN, 2004, p.51)

### 3.1 Uma nova roupa num conteúdo antigo

Conforme já abordado, o homem, como ser inteligente e social procurou registrar suas experiências desde os tempos mais remotos. A humanidade se desenvolveu, ocorreram várias descobertas e inventos e assim, com novos recursos, o homem passou a registrar e controlar cada vez mais os aspectos de sua vida. Assim surge a figura da pessoa, que cuida da classificação desses materiais e de sua recuperação.

Inicialmente a profissão de bibliotecário era exercida por profissionais eruditos. Em um segundo momento o perfil engloba profissionais, na sua maioria mulheres casadas ou solteironas, também das mais estimáveis, que, por qualquer motivo, tiveram necessidade de ganhar a vida, tornando-se verdadeiramente guardiãs num depósito de documentos. (LOUREIRO; JANNUZZI, 2005)

A profissão de bibliotecário, como atividade especializada, só apareceu no século XIX. Mesmo com a profissão instituída os eruditos ainda ocuparam posições de bibliotecários, muitas vezes sem especialização técnicas, até o aparecimento dos cursos de biblioteconomia, como visto no capítulo um.

Noutro momento o perfil incluía as qualidades intelectuais, mas o profissional continuava sofrendo do mal incurável e inconfessável de não ser técnico. Tempos depois mergulha na técnica, perdendo sua visão crítica e chegando a ser considerada uma pessoa bondosa.

Com o passar do tempo a visão estereotipada do bibliotecário, foi sendo cristalizada, até os dias de hoje (salvo exceções), como um profissional de comportamento detalhista e omissor, na utilização de tabelas, códigos e normas e na formação acadêmica, centrada na aprendizagem de processos técnicos. O que desencadeou outros problemas, como a falta de reconhecimento pelos próprios profissionais e também pela coletividade.





Ilustração 15 Bibliotecários; Fonte: <http://bibliotecarius.blogspot.com/>

Numa tentativa de reação ao aparecimento de novos profissionais ou uma tentativa de manter status equivalente a essas novas profissões, a literatura da área, profissionais e as associações da classe começam a discutir novas denominações (ROBREDO, 1989 *apud* SANTOS, 2000).

Na literatura da Ciência da Informação, é cada vez mais comum o uso de termos como ‘profissional’ ou ‘profissional da informação’, para designar os trabalhadores que têm a informação como seu principal objeto de trabalho. Em cada estudo os termos assumem contornos particulares tanto à Bibliotecários, como a toda a gama de profissionais de diferentes áreas, tais como Analista de Sistemas, Administradores de Sistemas, Jornalistas, enfim profissionais ligados à cadeia de processamento da informação.

Almeida Júnior (2000) contabilizou oitenta e quatro diferentes nomes para o profissional da informação. Alguns exemplos: administrador da informação; analista da informação; biblioteconomista; cibertecário; cientista da informação; documentalista; gestor da informação; infomediário; mediador da informação; tecnólogo da informação entre outros.



Mudança no nome, registrada ou não, pode-se ficar certo de que nela está implícita uma importante ruptura entre o indivíduo e seu velho mundo.[...] Um nome, então, é um modo muito comum mas não muito confiável de fixar a identidade.[...] "...a identidade pessoal é provada em tribunais de justiça não pela referência a nomes e nem sequer por testemunhos diretos, mas "presumivelmente" por provas de semelhanças e diferenças nas características pessoais." (GOFFAMAN, 2004, p.53)



Ilustração 16 Libertação; Fonte: <http://www.brainygamer.com/>

Então aparece a nova raça de “destruidores de imagem”, que vai tentar rebater a imagem estereotipada mostrando uma visão alternativa do que significa ser um bibliotecário. Sites como Bibliotecário Anarquista (<http://burn.ucsd.edu>), Bibliotecária da Dança do Ventre (<http://www.sonic.net>), Bibliotecários Vingadores (<http://www.librarianavengers.com/>) e Bibliotecários Modificados (<http://www.bmeworld.com/gailcat/>), parecem apresentar uma frente única de orgulho da profissão. Estes bibliotecários alternativos oferecem olhares aos



mais distintos estilos de vida dos bibliotecários, mas, novamente, apenas tentando combater o estereótipo da velhinha de coque e óculos.

Noticiar que bibliotecários possuem tatuagens e que bibliotecárias também sabem a dança do ventre está apenas transmitindo a mensagem subliminar que, nós estamos aqui para persuadir você (e nós mesmos) de que temos valor, já que a sociedade não descobre nosso mérito. (DUPRÉ *apud* BARROS, 2005).



**Ilustração 17** bibliotecária da Dança do Ventre; Fonte: <http://www.sonic.net/>

Não só a imagem da senhora com coque e séria é apresentada para a sociedade, a imagem da bibliotecária como profissional sexy também tem destaque em vários meios de comunicação. Assim a imagem da bibliotecária oscila entre a bondosa senhora e a mulher super sexy. Ela tem pensamento “sem vergonha”, faz sexo na biblioteca e tem corpo invejável, totalmente o inverso da bibliotecária pudica e guardiã dos bons costumes. Um dualismo entre o sagrado e o profano.





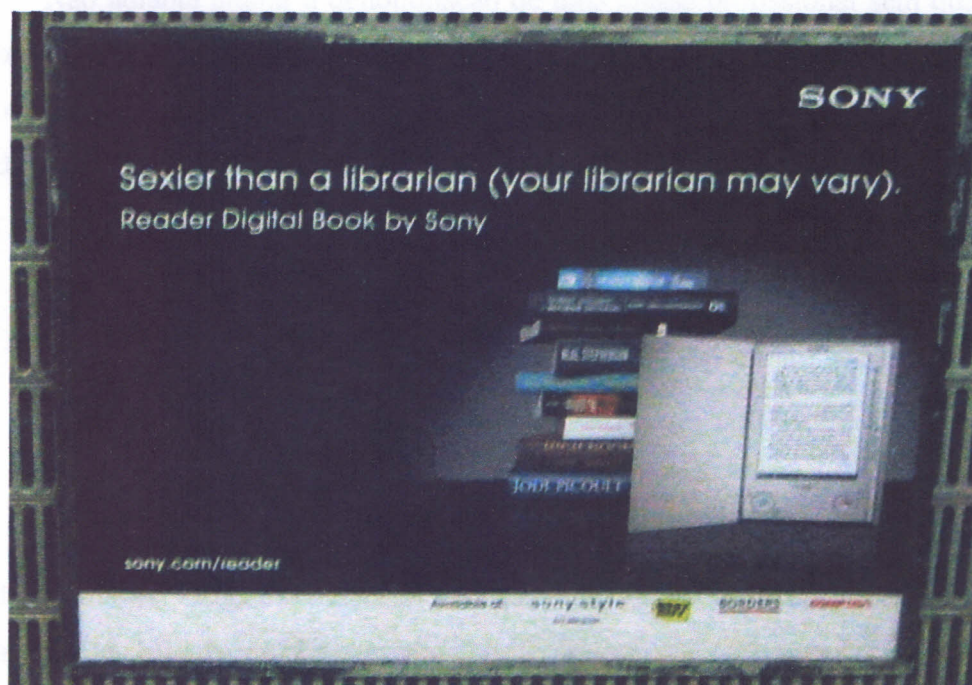
**Ilustração 18 Bibliotecárias sexy ; Fonte : kimbooktu.wordpress.com/**

Em 1990 foi apresentado um estudo sobre a imagem pornográfica da bibliotecária, na Conferência da Associação da Cultura Popular/associação americana da cultura em Toronto<sup>5</sup>. O autor avaliou 49 filmes pornô, neles as bibliotecas descritas incluem o público, acadêmico, escolar, e bibliotecas especiais de uma variedade de tipos e tamanhos. Algumas descrições da biblioteca parecem ter sido escritas por bibliotecários ou por usuários regulares da biblioteca. Nestes filmes as bibliotecárias, com usuários ou outros funcionários da biblioteca, praticavam atividades sexuais diferentes, como o sexo homossexual masculino, a sujeição, a violência, a violação, e o sexo animal, nos diferentes ambientes da biblioteca.

No pronunciamento de Melvin Dewey – “o tempo chegou para que um bibliotecário possa dizer sem suposição que sua ocupação é uma profissão” – de que a profissão agora era algo para se ter orgulho; isso plantou a idéia de que a profissão era desvalorizada anteriormente (DUPRÉ *apud* BARROS, 2005, p.14). Essa oscilação da imagem a deixa ainda mais frágil e suscetível a piadas. Diante de tal é necessário prudência na transmissão e promoção da imagem.

<sup>5</sup> Fonte: <http://www.riverofdata.com/librarians/porn/index.htm>





**Ilustração 19 Propaganda da Sony de Reader Digital Book. Fonte: [www.librarian.net](http://www.librarian.net)**

A idéia de denominação do bibliotecário, ainda está ligada quase que exclusivamente aos livros na visão da sociedade em geral. Mas por que a ligação do bibliotecário com o livro e a biblioteca deveria ser motivo de vergonha?

O modo de ler, os suportes da leitura, as políticas ou ausência de políticas vinculadas à leitura, as relações entre leitor e os textos, influenciaram e influenciam a imagem das bibliotecas e dos bibliotecários. Devido a esses fatores os bibliotecários, por sua vez, devem posicionar-se ativamente frente às múltiplas e variadas formas que assume a leitura, e não procurar divorciar os livros da imagem das bibliotecas e dos bibliotecários.

Os bibliotecários têm que assumir que a causa da má situação de muitas bibliotecas, nem sempre, está vinculada à imagem, mas às políticas de leitura, as políticas de informação, formação profissional, falta de recursos humanos e materiais, entre outros (ROGGAU, 2006). Nesse contexto os bibliotecários não se vêem como o efeito do conjunto desses fatores. Assim, no processo de vigência do estereótipo, bibliotecários e comunidade confundem causa e efeito. Os bibliotecários assumem como sua a culpa pela falência da biblioteca, internalizam a imagem estereotipada e atuam em consonância com ela, justificando desta forma estereótipo.

Não adianta alterar a denominação de uma classe profissional sem que se mude, de fato, a atitude e a atuação de seus profissionais. Além disso, um grupo profissional precisa possuir uma história e uma tradição para poder ser reconhecido pela sociedade e garantir sua identidade como classe profissional. No entanto esse comportamento não descarta a chance de aprender e de adaptar-se ao novo, como as tecnologias.

Que se se aceita e se respeita não haverá necessidade de esconder o seu defeito [...] É aqui que a revelação voluntária encaixa-se na carreira moral como uma de suas fases. Deve-se acrescentar que nas autobiografias publicadas de indivíduos [...] essa fase da carreira moral é tipicamente descrita como a fase final, madura e bem ajustada. (GOFFAMAN, 2004, p.89)

A análise de Oliveira (1983) demonstrou que os bibliotecários com mais idade e tempo de profissão ocupam funções técnicas, exercendo atividades de catalogação e classificação. Tais atividades obrigam os bibliotecários à regras, normas, códigos e tabelas, tornando, portanto, seu trabalho mais propenso a monotonia e a rotina, gerando desta forma profissionais acomodados.



**Ilustração 20** A típica bibliotecária; Fonte: [www.asmilan.org/teachers/kwaller/](http://www.asmilan.org/teachers/kwaller/)

A formação deve deixar de ser tecnicista, os professores devem também ser sensíveis à situação real do estereótipo, devem utilizar suas próprias experiências como bibliotecários como fontes de experiências novas e para modificar conceituações que ensinam como mestres. Ignorar o estereótipo não vai ajudar em nada.



Oliveira, em seu estudo sobre auto-imagem do profissional bibliotecário, identificou o bibliotecário brasileiro como conservador, burocrata, amarrado aos livros, indiferente à realidade social, menos criativo que outros profissionais, ineficiente, não – intelectual, enfim muitos predicados negativos. E os meios de comunicação refletem isso.



Ilustração 21 Quadrinho publicado no Jornal Folha de São Paulo, 15/08/1984.



Ilustração 22 Quadrinhos publicados no Jornal Diário do Nordeste, 26/02/1999

Quando se fala em estereótipo, é preciso ter claro a diferença entre conformidade e conformismo, pois, na verdade, o indivíduo acaba por orientar-se através de estereótipos e de normas, conformando-se ao seu grupo, buscando garantir o êxito de suas ações e a aceitação social. Essa conformidade que, no limite, faz parte da natureza do viver em sociedade, pode converter-se em conformismo quando não são oferecidas ao indivíduo/sujeito possibilidades reais de inserção na sua sociedade, numa interação em que ele seja efetivamente sujeito, em que ele tenha voz e sua voz seja respeitada.





Ilustração 23 Piratas do Tiête; Fonte:www.andre.wikidot.com

As entidades da área e profissionais deveriam se organizar no sentido de mobilizar as autoridades em relação a investimentos na área de bibliotecas públicas e escolares, destacando-se aí a interação social do bibliotecário. O incentivo à cultura no Brasil é fundamental para melhorar o ambiente atual.

Realizar nosso trabalho bem é a prioridade, mas ter certeza de que somos reconhecidos por executar excelente trabalho precisa também se tornar uma prioridade. Aprimorar nossas habilidades e manter contínua atualização do nosso conhecimento também são atitudes extremamente importantes. Vamos mostrar à sociedade a imagem de um bibliotecário cortês, inteligente, confiável, de indivíduos incrivelmente eficientes em todos os aspectos. E talvez, só por diversão, vamos ocasionalmente fazer algo um pouco ultrajante apenas para estimular a imaginação. (CRANFORD *apud* BARROS, 2005)

Precisamos compreender que o poder de mudança está concentrado em nós mesmos. Devemos parar de tentar negar o estereótipo, ele existe faz parte da profissão de bibliotecário assim como de outras profissões porém, não podemos nós conformar, deixar que ela se cristalice cada vez mais. Ao invés de guerrear contra o estereótipo, levar para o lado pessoal, culpar a profissão e outros profissionais, vamos entender como nossa imagem surgiu, porque se mantém e como influencia no nosso trabalho. Não é vergonha ter a nossa imagem relacionada à livros, vergonha sim é ser um profissional conservador, burocrata, amarrado aos livros, indiferente à realidade social, menos criativo que outros profissionais, ineficiente e não – intelectual. Vamos entender aceitar, transformar e rir.

Tendo em vista que os meios de comunicação refletem e perpetuam o estereótipo, faz-se importante compreender como os meios de comunicação reproduzem os estereótipos,



ajudando, desta forma, a entender a conservação e a avaliar com mais objetividade o estereótipo.



Ilustração 24 Piadinha Fonte: [www.4shared.com](http://www.4shared.com)

#### 4 O OLHAR ESPETACULAR DA MÍDIA

Cada vez mais a mídia vem influenciando decisões, interfere arbitrariamente na formação de opiniões, põe em choque culturas e estereotipa pessoas e profissões. Estereótipos negativos causam problemas para o grupo estereotipado e para a sociedade em geral pois percepções e crenças distorcidas a respeito deste grupo podem influenciar seu comportamento, afetando a forma como seus membros percebem e valorizam a si mesmo deixando muitas de realizar sua função social e seu trabalho adequadamente.

A imagem de qualquer categoria profissional na imprensa corresponde à imagem da categoria na sociedade e sua reafirmação pelos meios de comunicação de massa perpetua a sua fixação.

Barthes estudou a Mídia, relacionando-a com o social e o cultural. Compreendeu que o signo deve ser estudado na língua e na fala, ou seja, uma semiologia preocupada com o cotidiano. O signo é relativo e histórico, não é uma verdade absoluta. “O real não é representável, mas demonstrável” (BARTHES, 2001, p 22).

A Televisão deseja reproduzir o real, mas o que lhe sobra é a possibilidade da realidade ilusória e imaginativa. Mas para Barthes é preciso teimar:

Teimar quer dizer afirmar o irredutível [...] teimar quer dizer, em suma, manter ao revés e contra tudo a força de uma deriva e de uma espera. E é precisamente porque ela teima, que a escritura é levada a deslocar-se [...] deslocar-se pode, pois, querer dizer: transportar-se para onde não se é esperado, ou ainda, e mais radicalmente, abjurar o que se escreveu, quando o poder gregário o utiliza e serviliza (BARTHES, 2001, p. 27).

E o que é o Estereótipo? Estereótipo é a definição inata, o que é considerado verdade intocável sem nenhuma contradição, enraizado no senso comum. O Estereótipo nada explica, apenas mostra e repete aquilo que mostra, como uma definição inata, natural em si mesmo, pois “os signos de que língua é feita só existem à medida que são reconhecidos, isto é, em que se repetem” (BARTHES, 2001, p.15). Igualmente como o poder, o estereótipo se encontra presente na língua. Se pensarmos na televisão como linguagem, ao reproduzir Estereótipos, servidão e poder se confundem. A tevê diz, afirma, assenta e repete.



Em cada signo dorme este monstro: um estereótipo: nunca posso falar senão recolhendo aquilo que se arrasta na língua. Assim que enuncio, essas duas rubricas se juntam em mim, sou ao mesmo tempo mestre e escravo: não me contento em repetir o que foi dito, com alojar-me confortavelmente na servidão dos signos: digo, afirmo, assento o que repito. Na língua, portanto, servidão e poder se confundem inelutavelmente (BARTHES, 2001, p. 15).

Para Barthes o estereótipo expressa a doxa, o senso comum. O estereótipo, quando detectado, permite localizar as distorções trapaceiras que estão engendradas nos diálogos míticos e que constituem a representação do coletivo. Combater o estereótipo é desvendar o imaginário nele veiculado.

A linguagem encrática (aquela que se produz e se espalha sob a proteção do poder) é estatutariamente uma linguagem de repetição; todas as instituições oficiais de linguagem são máquinas reprisadoras: a escola, o esporte, a publicidade, a obra de massa, a canção, a informação redizem sempre a mesma estrutura, o mesmo sentido, amiúde as mesmas palavras: o estereótipo é um fato político, a figura principal da ideologia (BARTHES, 2002, p.50).

O estereótipo, ao ser repetido, torna-se a “verdade”, sem contradição.

O Estereótipo é a palavra repetida, fora de toda magia, de todo entusiasmo, como se fosse natural, como se, por milagre, essa palavra que retorna fosse cada vez mais adequada por razões diferentes, como se imitar pudesse deixar de ser sentido como imitação: a palavra sem cerimônia, que pretende a consistência e ignora sua própria insistência. Nietzsche fez o reparo de que a ‘verdade’ não era outra coisa senão a solidificação de antigas metáforas. Pois bem, de acordo com isso, o estereótipo é a vida atual da ‘verdade’, o traço palpável que faz transitar o ornamento inventado para a forma canonical, coercitiva, do significado. (BARTHES, 2002, p. 52).

É necessário teimar em combater o estereótipo do bibliotecário.

Cultura e estereótipo estão relacionados, sobretudo, quando falamos em cultura de massa, em que há repetição. Assim, o estereótipo mortifica a cultura, pois nossa linguagem passa a ser limitada e escrava.

Estas indicações, e outras ainda, parecem confirmar apenas que os meios de comunicação refletem e perpetuam os estereótipos através das notícias, dos diversos programas, dos filmes, etc. Os meios de comunicação são um extraordinário mecanismo de repetição e fixação dos estereótipos, e não os responsáveis pela a criação origem e história de formação do estereótipo.

São características fundamentais do estereótipo: a construção de uma imagem, a função cognitiva, a orientação positiva ou negativa da imagem, a interação entre o grupo estereotipado e o que estereotipa. O estereótipo é uma representação repetida frequentemente que converte algo complexo em algo simples. É um processo reducionista que depende de uma seleção, que dá ênfase a alguns atributos em detrimento de outros.

Os estereótipos nos permitem organizar informações sobre o mundo. Servem para estabelecer marcos de referência e maneiras de orientar nossas percepções. As características que se seleciona para categorizar não são inventadas e sim escolhidas em um universo de possibilidades.

É certo que a popularidade do estereótipo está relacionada de forma direta com o grau de conformismo e de falta de senso crítico da sociedade. Os estereótipos são reforçados com a intervenção dos meios de comunicação, que limitam e condicionam nossas percepções da realidade, apresentando e repetindo o estereótipo.

Como já foi apontado cultura e estereótipos estão relacionados, principalmente, quando se fala em cultura de massa. Mas o que é a massa? De que é constituída? A massa é uma formação que não se baseia na personalidade dos seus membros, mas apenas naquelas partes que põem um membro em comum com os outros todos. Daí todos os comportamentos que pressupõem a afinidade e a reciprocidade de muitas opiniões diferentes. A massa procura atingir seus objetivos pelo caminho mais curto, o que faz com que exista sempre uma única idéia dominante, a mais simples possível. (WOLF, 2003)

A massa é composta por indivíduos que não se conhecem, que estão separados um dos outros no espaço, são isolados e anônimos. Estão expostos a mensagens, conteúdos e acontecimentos que vão para além da sua experiência, que não coincidem necessariamente com as regras do grupo de que o indivíduo faz parte.

Tendo em conta que o estereótipo é uma caricatura repetida volta e meia que converte algo complexo em algo simples, que depende de uma seleção, que dá destaque a alguns atributos em prejuízo de outros. Não se pode imputar a culpa do desenvolvimento do estereótipo somente à comunicação de massa.



A influência da comunicação de massa se baseia no fato de os meios de comunicação fornecerem toda essa parte de conhecimentos e de imagens da realidade social que transpõe os limites estreitos da experiência pessoal, direta e imediata. É freqüente que a massa possua, em comum com os outros, um vasto leque de idéias. (WOLF, 2003)

Contudo os efeitos dependem das forças sociais que predominam num determinado período. Sobre o processo de comunicação Schulz *apud* Wolf esclarece.

- a. os processos comunicativos são assimétricos: existe um sujeito activo que emite o estímulo e um sujeito passivo que é impressionado por esse estímulo e que reage;
- b. a comunicação é individual; é um processo que diz respeito, antes do mais, a cada indivíduo e que deve ser estudado nesses indivíduos;
- c. a comunicação é intencional; o início do processo, por parte do comunicador acontece intencionalmente e dirige-se, em geral, a um objectivo; o comunicador visa um determinado efeito;
- d. os processos comunicativos são episódicos: o início e o fim da comunicação são limitados no tempo e os episódios comunicativos têm um efeito isolável e independente (Schulz, 1982 *apud* WOLF, 2003, p. 119).

Com as conclusões de Schulz, é possível inferir que as comunicações de massa não intervêm diretamente no comportamento explícito, visto que a comunicação é individual, um processo que diz respeito, antes do mais, a cada indivíduo. Pode sim ser considerada tendenciosa, pois é intencional, uma vez que o comunicador visa a um determinado efeito no destinatário, que organiza a sua imagem do ambiente com as informações recebidas.

O estereótipo é o meio que a massa utiliza para armazenar e reproduzir em sua estrutura de pensamento a imagem do bibliotecário e de muitos outros profissionais. É importante lembrar que as características que se seleciona para categorizar não são inventadas e sim escolhidas em lista. Em que se dá ênfase a algumas características em prejuízo de outras.

Os meios de comunicação, portanto, exercem a influência que têm, na medida em que são algo mais do que um simples canal através do qual o estereótipo é apresentado. Ao filtrar, estruturar e realçar determinados comportamentos e ações públicas, os meios de comunicação fornecem perspectivas, modelam as imagens, ajudam a cravar o estereótipo na estrutura mental da massa.

A influência dos mass media é admitida sem discussão, na medida em que ajudam a estruturar a imagem da realidade social, a longo prazo, a organizar novos elementos dessa mesma imagem, a formar opiniões e crenças novas (WOLF, Mauro, 2003, p.145).

Existem três características dos meios de comunicação que são importantes: a acumulação, a consonância e a onipresença (Neumann, 1973 *apud* Wolf, 2003).

Acumulação encontra-se ligada ao fato de a capacidade que os meios de comunicação possuem de criar e manter a importância de um tema, ser o resultado global. Isto é, não são efeitos pontuais mas consequências ligadas à repetição contínua da produção de comunicações de massa.

A consonância associa-se ao fato de os traços comuns e as semelhanças existentes nos processos produtivos da informação, tenderem a ser mais significativos do que as diferenças, o que conduz a mensagens substancialmente mais semelhantes do que dissemelhantes.

Por fim, o conceito de onipresença diz respeito não só à propagação quantitativa dos meios, mas também ao fato de o saber público, o conjunto de conhecimentos, opiniões e atitudes difundido pela comunicação de massa, ter um carácter particular: é do conhecimento público que esse saber é publicamente conhecido. (WOLF, 2003)

Dáí o poder que os meios de comunicação exercem sobre aqueles que não formaram ainda uma opinião própria. O resultado final é que, muitas vezes, a classificação efetiva da opinião pública se regula pela opinião reproduzida pelos os meios de comunicação e se adapta a ela, segundo um esquema de suposição que se autoverificam, lacrando assim um círculo.

Como dito anteriormente o estereótipo é o meio que a massa (público) utiliza para gravar e repetir em sua estrutura de pensamento a imagem do bibliotecário e de muitos outros profissionais. Os meios de comunicação ofertam um leque de possibilidades para construir imagens que, se seleciona para categorizar. No qual o público dar ênfase a algumas em prejuízo de outras.



Na atual sociedade, entretanto, os indivíduos vivem exclusivamente em função da mediação simbólica dos meios de comunicação de massa, em virtude da distinção e da complexidade social e, também, em virtude do papel central dos meios de comunicação.

Em conclusão, o estereótipo é o meio natural que a sociedade encontra de simplificar, compactar e reproduzir imagens, para que seja possível organizar informações sobre o mundo. A sociedade elege características (que não são inventadas), se confirmadas o estereótipo se cerra na visão da sociedade. Os meios de comunicação influenciam no que refere-se a apresentar, limitar, repetir e condicionar a realidade.

É certo que o estereótipo está ligado de forma direta ao baixo status profissional. Atualmente o bibliotecário é uma sinopse petrificada no imaginário popular. Os meios de comunicação de massa reafirmam e perpetuam essa imagem fossilizada, procedente da idade média.

#### 4.1 Água, Terra, Fogo, Ar...

Avatar: A Lenda de Aang (Avatar: The Last Airbender), é uma série de animação criada por Michael Dante Dimartino e Bryan Konietzko para a Nickelodeon. Sua animação é produzida pela empresa sul-coreana DR Movie. A série é estruturada na forma de "livros": cada episódio da animação se torna um "capítulo" e cada temporada um "livro" diferente.

Sua primeira exibição foi planejada para novembro de 2004, mas foi ao ar pela primeira vez somente no dia vinte e um de fevereiro de dois mil e cinco no Estados Unidos. O programa recebeu grande aceitação do público com idade de seis a onze anos, tendo o auge de quatro virgula quatro milhões de telespectadores em um de seus episódios. Em dois mil e seis, foi considerado o segundo programa mais popular da Nickelodeon no Brasil, perdendo apenas para Bob Esponja Calça Quadrada.

A série, que se passa em um mundo fictício influenciado pelas artes marciais asiáticas (principalmente chinesas), conta as aventuras de Aang, o último sucessor de uma

longa linhagem de Avatares. Nessas aventuras ele e seus amigos têm a missão de salvar o mundo dos ataques da Nação do Fogo.

#### 4.1.1 A biblioteca perdida

Em uma Era perdida, a humanidade se dividiu em quatro nações: a Tribo da Água, o Reino da Terra, a Nação do Fogo e os Nômades do Ar. Dentro de cada nação, há uma ordem de homens e mulheres notáveis, chamados de "Dobradores", que são capazes de manipular seus elementos nativos, fazendo uma "dobra", que combina artes marciais variadas. Para manter o equilíbrio entre estas nações, existe um único dobrador que é capaz de controlar todos os quatro elementos. Esse dobrador é o Avatar<sup>6</sup>, o último dobrador de ar (*Avatar: The Last Airbender*), um escolhido que manifesta o espírito do mundo em uma forma humana. Quando o Avatar morre, ele reencarna em uma outra nação seguindo um ciclo milenar. Começando com o domínio de seu elemento nativo, o Avatar vai aprender como comandar todos os quatro elementos. Ao longo das eras, as incontáveis encarnações do Avatar serviram para manter as quatro nações em harmonia.

Porém, na época que se passa a história, a Nação do Fogo iniciou uma guerra cujo objetivo é dominar as outras três nações. Somente o Avatar pode impedir. Embora seus conhecimentos em dobra de ar sejam fantásticos, o Avatar ainda tem muito a aprender antes que possa se considerar um verdadeiro Avatar. Ele ainda precisa dominar as dobras de água, terra e fogo para ser capaz de derrotar o inimigo. Mas ele só tem até o fim do próximo verão para conseguir isso.

Com a ajuda de Sokka, Katara e de alguns amigos que encontra pelo caminho, Aang, o Avatar, vai ter que lutar para salvar o mundo e também para escapar de inimigos que querem mata-lo.

---

<sup>6</sup> A palavra Avatar significa descida do céu; designação genérica das encarnações divinas na teologia britânica; reencarnação, metamorfose. No desenho Avatar – The last airbender, Avatar é um espírito divino que é capaz de controlar os quatro elementos (além de ser a maior fonte entre o mundo espiritual e o mundo real). Ele é apenas um espírito que reencarna em um corpo ao morrer (seguindo o ciclo Água, Terra, Fogo e Ar). O Avatar é conhecido como um deus que abrange as quatro nações. Fonte: <http://www.mundoavatar.com.br/>



O episódio dez do segundo ano do desenho narra a procura de Aang e seus amigos por informações para derrotar a Nação do Fogo. Os jovens encontram um arqueólogo, Professor Zei, que sabe sobre uma biblioteca com infinitas informações. O único problema é que a biblioteca está escondida em algum lugar no meio do deserto e o Professor Zei nunca esteve lá. Mas os jovens decidem que, com o conhecimento do Professor Zei, e o Appa (animal voador enorme), eles podem encontrar a biblioteca.



Ilustração 25 Aang e seus amigos. Fonte: arquivo pessoal

Professor Zei – Eu encontrei civilizações perdidas por todo Reino da Terra, mas não fui capaz de encontrar a jóia da coroa. A biblioteca de Wan Shi Tong!

Toph – Você passou anos caminhando pelo deserto para achar a biblioteca de algum cara?

Professor Zei – **Essa biblioteca é mais valiosa que ouro, senhorita. Dizem que contém um vasto acervo de conhecimento. E conhecimento não tem preço!**

Toph – Parece ótimo!

Professor Zei – Oh, é mesmo!! De acordo com a lenda foi construída pelo grande espírito do conhecimento, Wan Shi Tong, com a ajuda das suas raposinhas buscadoras de conhecimento.

Sokka – Oh, então esse espírito tem umas assistentes atraentes, heim...?!

Katara – Eu acho que ele quer dizer que elas são raposas de verdade, Sokka.

Professor Zei – Os dois estão corretos. Pequenas lindas criaturas. Wan Shi Tong e suas buscadoras de conhecimento **coletaram livros de todas as partes do mundo e os colocaram à disposição para a raça humana ler, para que pudéssemos melhorar a nós mesmos.**

Sokka – Se este lugar tem livros de todo o mundo, você acha que tem informação sobre a Nação do Fogo? Talvez um mapa?

Professor Zei – Não sei, mas se uma coisa como essa existe, está na biblioteca de Wan Shi Tong.

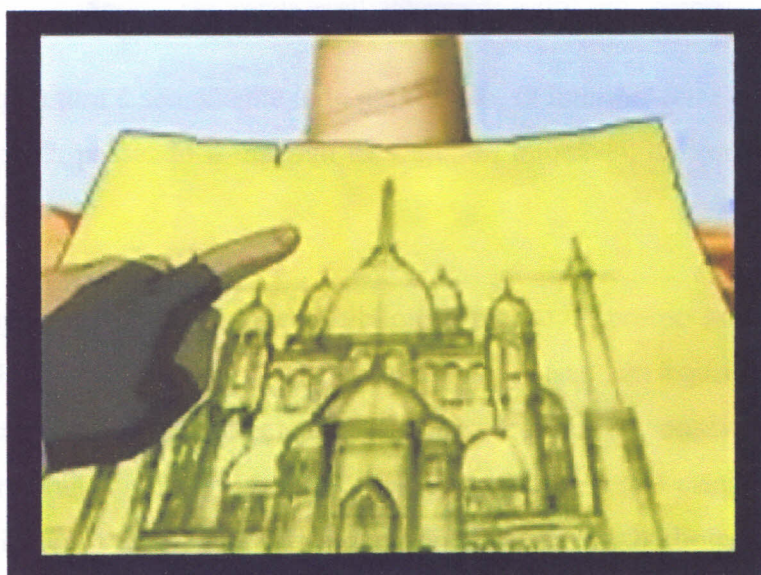
Sokka – Então está decidido. Aang, acho que é a minha vez, e eu gostaria de passar minhas férias...Na biblioteca!! (Informação verbal, grifo nosso)<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Todas as transcrições foram obtidas do desenho Avatar.

Retomando informações anteriores que descrevem a função dos livros e das bibliotecas da antiguidade, onde os livros eram para o estudo, é possível traçar um paralelo entre a fala do professor Zei e contexto histórico das bibliotecas. A biblioteca de Wan Shi Tong inicialmente tinha função semelhante às bibliotecas da antiguidade clássica, Wan Shi Tong também disponibilizava seus livros para que a “raça humana” pudesse melhorar. Wan Shi Tong é comparada a uma jóia de valor incalculável.

A seqüência seguinte mostra a procura pela biblioteca (conhecimento), ficando evidente o quanto inacessível ela é. Depois de uma longa procura, eles finalmente encontram a biblioteca, porém, ela estava afundada no deserto. Eles resolvem entrar, exceto Toph (uma menina de 12 anos cega) que decidiu esperar na superfície junto com o Appa.

A partir de agora o desenho guia o olhar e a interpretação do telespectador para a mensagem de que a biblioteca é especial, restrita e gerenciada por uma figura de imenso conhecimento, que causa arrepios.



**Ilustração 26 Ilustração da biblioteca de Wan Shi Tong. Fonte: arquivo pessoal**

Professor Zei – Oh, devemos estar perto da biblioteca.

Sokka – Não, esta É a biblioteca, olhem! Está completamente enterrada!

Professor Zei – A biblioteca está enterrada? **A ambição da minha vida está agora cheia de areia! Bem, está na hora de começar a escavar.**

Toph – Na real acho que não será necessário. O interior parece estar completamente intacto, e é enorme!

Sokka – Aquela raposa entrou pela janela, eu digo para subirmos lá e dar uma olhada.

Toph – Eu digo, vocês vão em frente sem mim.

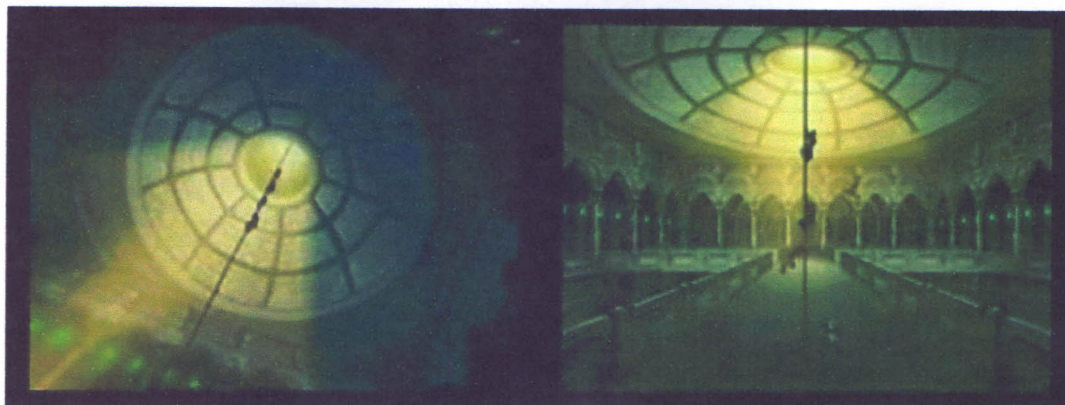
Katara – Você tem algo contra bibliotecas?



Toph – Eu já tive livros antes, e devo lhes dizer: eles não serviram de muita coisa para mim.

Katara – Ah é, foi mal.

Toph – Me contem se eles tiverem alguma coisa que possa ser ouvida. (Informação verbal, grifo nosso)



**Ilustração 27** Parte interna da biblioteca. Fonte: arquivo pessoal

Professor Zei – **Oh, é de tirar o fôlego!** O espírito não poupou despesas para fazer esse lugar, olhem esses lindos peitoris! Qual é a graça?

Aang – Nada, só gostamos de arquitetura.

Professor Zei – Assim como eu. Meu deus! Esse primoroso mosaico feito à mão em telha moldada em símbolo de ave...

Sokka – ahn, coruja legal! (Informação verbal, grifo nosso)

A arquitetura é semelhante à de um templo. O interior, como diz o professor Zei: “é de tirar o fôlego”, passando a imagem de sagrado, intocável, divino, um templo onde o homem deve silenciar.

É importante observar que a biblioteca recebe o mesmo nome da figura que a criou. Wan Shi Tong significa aquele que sabe dez mil coisas, um espírito de conhecimento; muito bem colocado, já que nos remete aos primeiros eruditos responsáveis pelos grandiosos templos do saber. Wan Shi Tong é o bibliotecário, mesmo que não esteja explícito, já que a imagem da biblioteca é conectada à imagem do profissional bibliotecário no imaginário popular.

Wan Shi Tong – Eu sei que estão aí atrás.

Professor Zei – Olá, sou o professor Zei, mestre de antropologia da Universidade de Ba Sing Se.

Wan Shi Tong – **Vocês devem ir embora, da mesma forma que chegaram, a não ser que queira se transformar em um mestre de antropologia empalhado.**

Aang – Você é o espírito que trouxe essa biblioteca para o mundo físico?

Wan Shi Tong – De fato, sou **Wan Shi Tong** aquele que sabe 10.000 coisas e vocês são obviamente humanos, esses que, falando nisso, não são permitidos em minha biblioteca.

Aang – O que você tem contra humanos?

Wan Shi Tong – **Os humanos só se dão ao trabalho de aprender quando pretendem acabar com outros humanos.** Como aquele dobrador de fogo que veio aqui há alguns anos, procurando destruir seu inimigo. Então, quem vocês estão tentando destruir?

Sokka – Que?! Não, não, sem destruição, não estamos nessa.

Wan Shi Tong – Então por que vieram aqui?

Sokka – Conhecimento pelo amor ao conhecimento?

Wan Shi Tong – Se você vai mentir para um espírito que tudo sabe, ao menos deveria se esforçar um pouco.

Sokka – Eu não estou mentindo, estou aqui com o Avatar! Ele é a ponte entre os nossos mundos, ele me garante!

Aang – Ai!...É... eu garanto! Nós não abusaremos do conhecimento de sua biblioteca, bom espírito. Tem a minha palavra.

Wan Shi Tong – Muito bem. **Os deixarei usufruir da minha vasta coleção, mas com uma condição, para provar seu valor como aprendizes, deverão contribuir com algum conhecimento que valha a pena.**

[O Professor oferece um livro.]

Wan Shi Tong – Primeira edição, muito bom!

Katara – Tenho um autêntico pergaminho de dobra d'água.

Wan Shi Tong – Oh, essas ilustrações são bem elegantes!

Aang – Hmm, oh! Eu sei! [Aang oferece um pergaminho ilustrado]

Wan Shi Tong – Bem, suponho que isso conte.

Sokka – Ó grande espírito, saca essa! É um nó especial! Isso conta como conhecimento!

Wan Shi Tong – **Você não é muito brilhante, não é?** Aproveitem a biblioteca. (Informação verbal, grifo nosso)

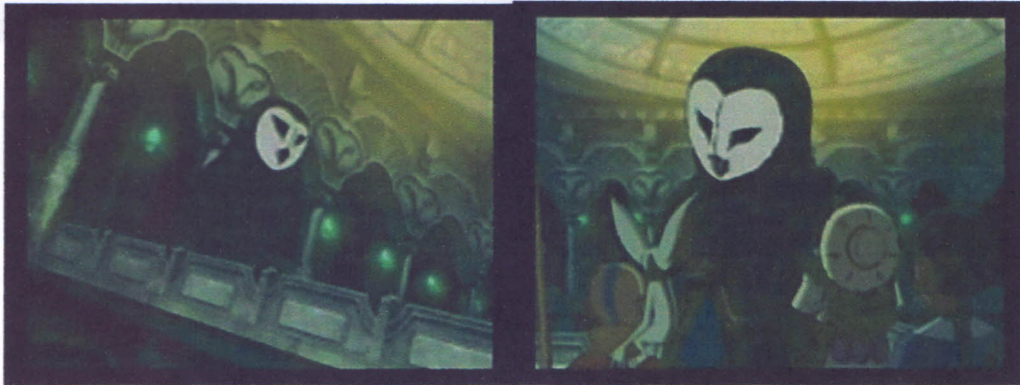


Ilustração 28 Wan Shi Tong; Fonte: arquivo pessoal

Wan Shi Tong, aquele que sabe dez mil coisas, é representado por uma coruja, o que reforça ainda mais a idéia de conhecimento, pois a coruja é mitologicamente um símbolo de sabedoria. Nesta seqüência é demonstrada, pela postura e pela fala de Wan Shi Tong, o alto grau de arrogância, de desconfiança, de como é inteligente, arbitrário, soberbo, intimidador e pessimista, enfim uma personalidade repressora e assustadora. Aang e os outros ficam amedrontados e receosos de falar qualquer coisa.



Para poder usufruir da biblioteca é imposto a doação de algo de valor, para enriquecer o acervo da biblioteca. Quase como entrar em uma sociedade secreta. Evidenciando mais uma vez que o acesso ao conhecimento é restrito.

Eles partem, então, para explorar a biblioteca. Todos ficam imensamente encantados com o vasto conhecimento, entretanto, a exploração se torna uma verdadeira aventura, pois Wan Shi Tong descobre que eles estão buscando conhecimento para destruir a Nação do fogo.



**Ilustração 29 Wan Shi Tong, perseguindo os usuários; Fonte: arquivo pessoal**

Professor Zei – **Esse lugar é mesmo incrível!** Uma maravilha mecânica! É um planetário que mostra os movimentos do céu!

Sokka – Isso é lindo mas, como pode nos ser útil?

Katara – Talvez estes discos representem dias e datas. Sokka tente pôr a data do pergaminho que você pegou.

[...]

Aang – Uau, Sokka, eu tenho que dar o braço a torcer, você escolheu a melhor férias, com certeza!

[...]

Sokka – Devemos levar essa informação ao Rei da Terra, em Ba Sing Se. Esperaremos o próximo eclipse, e invadiremos a Nação do Fogo enquanto eles estão totalmente indefesos! O Senhor do Fogo vai cair!

Wan Shi Tong – **Mortais são tão previsíveis, e tão péssimos mentirosos! Vocês traíram minha confiança. Desde o início vocês pretendiam usar esse conhecimento com propósitos maléficos!**

Sokka – Você não entende, se existe alguém maléfico é a Nação do Fogo. Viu o que fizeram á sua biblioteca, são destrutivos e perigosos. Nós precisamos dessa informação.

Wan Shi Tong – Você acha que é o primeiro a achar que sua guerra é justificada? Incontáveis outros antes de você vieram aqui em busca de armas, ou fraquezas, ou estratégias de batalha.

Aang – Não temos escolha. Por favor, só estamos desesperados para proteger àqueles que amamos.

Wan Shi Tong – **E agora vou proteger o que eu amo.**

Aang – O que está fazendo?

Wan Shi Tong – **Estou pegando o conhecimento de volta. Ninguém irá abusar dele novamente.**

Katara – Ele está afundando o prédio, **temos que sair daqui!**

Wan Shi Tong – Temo que **não posso permitir isso, vocês já sabem demais**

Professor Zei – Grande espírito do conhecimento, eu te imploro! Não destrua sua vasta coleção de tratados inestimáveis!

Aang – Temos que voltar á superfície! (Informação verbal, grifo nosso)

Esta seqüência projeta de forma clara a atitude intransigente da coruja, guardiã da biblioteca, ao descobrir que as informações adquiridas, serão utilizadas de forma não permitida. Ela então resolve tomar de volta o “seu” conhecimento, afundando a biblioteca completamente. Para que o conhecimento adquirido não saia da biblioteca, Wan Shi Tong resolve que os últimos usuários devem pagar com a própria vida pela ousadia. Inicia-se uma fuga para tentar sair vivo da biblioteca. Mas Sokka e Aang resolvem que devem voltar para descobrir mais informação

Enquanto isso, fora da biblioteca, Toph tenta impedir que a biblioteca afunde, mas aparecem uns homens que levam o Appa. Toph teve de escolher entre impedir que a biblioteca afunde ou ajudar o Appa. Ela escolhe a biblioteca, não porque tivesse algum valor para ela, mas pelos seus amigos que ainda estavam dentro da biblioteca e que o espírito tentava evitar que saíssem.

É possível comparar está seqüência de fatos com o romance de Umberto Eco, “O Nome da Rosa”, em que é descrito uma seqüência de fatos finais em que o investigador (Guilherme) encontra o aposento onde estavam os livros proibidos, local semelhante a um labirinto. Guilherme fica fascinado e demonstra interesse particular por um livro de Aristóteles, o qual o bibliotecário (Jorge) não faz a menor cerimônia em destruir juntamente com as outras publicações tidas como proibidas.

Katara e o professor Zei fogem, na verdade só Katara, pois o professor Zei resolve sentar, pegar um livro e ler de tão encantado que estava com a biblioteca. Perceba o terror de katara, com medo da coruja (bibliotecário). Aang e Sokka aparecem a tempo de salvar Katara do ataque do espírito da biblioteca.

Wan Shi Tong – Ao menos eu tenho um espécime para juntar à minha coleção [a coruja está se referindo a Katara]. Sua dobra de água não vai servir de muita coisa aqui... Eu estudei o estilo de água do norte, o estilo de água do sul, e inclusive o estilo do Pântano Nebuloso.

Sokka – Esse é chamado estilo do Sokka. Aprenda!

Aang – Esperem, Professor! Vamos!



Professor Zei – **Eu não vou, não posso, passei muito tempo procurando esse lugar. Não há outra coleção de conhecimento como essa na terra. Poderia passar uma eternidade aqui.**

Katara – Vamos!

Sokka – Conseguimos! Tem um eclipse solar chegando. A Nação do Fogo está enrascada agora! (Informação verbal, grifo nosso)



**Ilustração 30 Katara aterrorizada; Fonte: arquivo pessoal.**

Por fim, temos a seqüência da fuga, quando o professor rejeita a possibilidade de abandonar a biblioteca. Ele prefere ficar enterrado com toda aquela vasta coleção. Ele ama, valoriza e entende a complexidade do livro, enquanto que a coruja vê o livro como objeto sagrado.

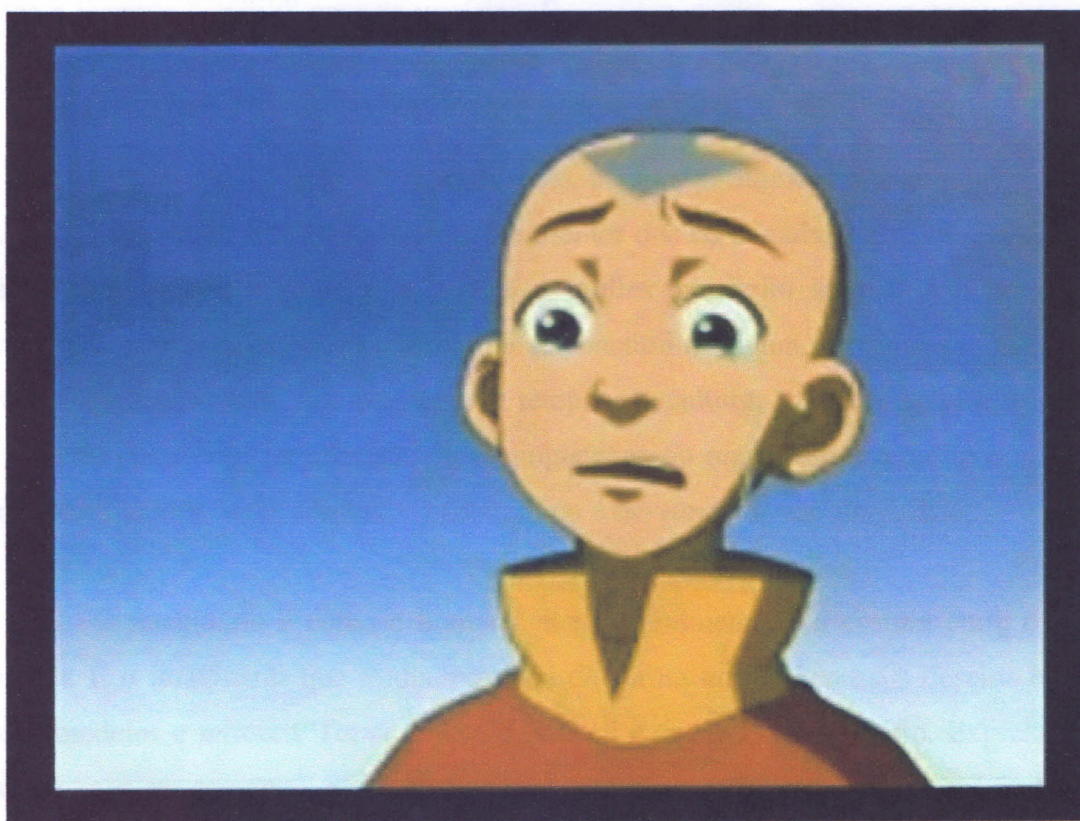


**Ilustração 31 Professor Zei; Fonte: arquivo pessoal**

É necessário ressaltar que no desenho o personagem do Avatar ocupa o centro da arena narrativa, enquanto a figura da coruja gigante, símbolo do conhecimento, ocupa o papel de antagonista, percebe-se a dialética que existe entre os dois personagens, onde um representa o indivíduo bom e o outro o mau.

Em contraponto a imagem da coruja, monopolizadora de um vasto conhecimento, tem-se o professor Zei. Professor sábio, honesto, humilde de um comportamento ético e de moral inquestionável, e que fica contente em poder compartilhar.

No fim a tristeza fica evidente no rosto do Avatar e de seus amigos, mas principalmente no rosto abatido e molhado de lágrimas de Aang, pois Appa seu animal de estimação e companheiro foi levado. Talvez se a coruja não tivesse posto tantos obstáculos na busca pela informação, tudo teria terminado bem.



**Ilustração 32 Aang; Fonte: arquivo pessoal**



## 5 CONCLUSÃO

Em cada signo dorme um estereótipo, de modo que dificilmente podemos falar senão recolhendo aquilo que se arrasta na língua. O Estereótipo é a expressão da doxa, do senso comum; compõe a linguagem de repetição, que se espalha sob a proteção do poder e escraviza, pois o signo é reconhecido à medida que se repete e que mantém a mesma estrutura. A forma fixa que mais se repete em programas é a imagem da bibliotecária uma mulher de meia-idade, óculos, nem um pouco atraente, solteira, roupas longas, coque nos cabelos e fazendo “shiiiiiii” para os usuários. E esse estereótipo ocorre em vários programas como filmes, desenhos animados, seriados, novelas, programas humorísticos e etc.

Outros estereótipos são reproduzidos, como o português burro, o japonês de pênis pequeno, o jogador de futebol mulherengo e melhor que os demais, o músico brasileiro cuja principal qualidade é o ritmo e a beleza, a mulher brasileira sensual e o homossexual masculino afetado e histérico. O estereótipo se constitui na figura principal da ideologia; é a palavra sempre adequada, que perpassar o tempo e a cultura, transformando metáforas em verdades. Se pensarmos na televisão como linguagem, ao reproduzir estereótipos, servidão e poder se confundem, logo, combater o estereótipo é desvendar o seu imaginário.

O imaginário é como o homem vive, mentalmente, é a costura entre o real e o simbólico. É o imaginário que mídia expressa de forma tangível, nossos desejos e sonhos, nossos pesadelos e terrores. Torna concreto, visível e audível o imaginário. Expressa aquilo que desejamos, ou tememos que a realidade seja, foi ou possa vir a ser. A mídia transmite verdades, cujas idéias e pontos de vistas podemos adotar como nossos ou rejeitar.

Entretanto, a supressão do contexto histórico, por parte do discurso televisivo, termina por induzir a uma síntese que não existe, vista a complexidade das relações sociais. Mas os estereótipos surgem pela constatação do senso comum, que não distingue singularidades, mas repete as falas.

Somos responsáveis por construir a nossa história. Portanto é imprescindível que os profissionais sejam capazes de identificar e refletir sobre os prejuízos e tradições que se perpetuam na biblioteconomia, no sentido de superá-los, bem como sejam conscientes dos

instrumentos legais existentes a salvaguardar sua imagem profissional. Sendo, portanto, necessário haver uma mudança radical, sermos mais auto-criticos. De nada adianta negar o estereótipo, é preciso compreender para combater. Estereótipo existe por que nós o tornamos verdadeiro. Vamos parar com o conformismo e de agir em conformidade de acordo com a imagem estereotipada.

Em conclusão reafirmo a idéia da epigrafe, é preciso liberta-se do indesejável tecnicismo, ser um técnico sim, mas só dentro da técnica. Fora dela ser um “doido”, com todo o direito a sê-lo.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Profissional da informação: entre o espírito e a produção. In: VALETIM, M. L. P. (Org). **O profissional da informação: formação, perfil e atuação** profissional. São Paulo: Polis, 2000. p.31-51

BANCHS, Maria A. El papel de la emocion em la construccion de representaciones sociales: invitacion para una reflexion teorica. **Papers on socialrepresentations** : textes sur les représentations sociales. Vol. 5, no. 2, 113-125, jul./dez. 1996 Disponível em: [http://www.psr.jku.at/PSR1996/5\\_1996Banch.pdf](http://www.psr.jku.at/PSR1996/5_1996Banch.pdf). Acesso em: 30 dez. 2007.

BARROS, Moreno Albuquerque de. **Imagem e popularização: a questão dos estereótipos entre os profissionais da Biblioteconomia**. Belém, 2005. Disponível em: [www.sharemation.com/moreno/imagem.pdf](http://www.sharemation.com/moreno/imagem.pdf) Acesso em: janeiro 2008

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 2001.

\_\_\_\_\_. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BRASIL, leis e decretos. **Lei N°. 4.084, de 30 de junho de 1962**, que dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/> Acesso em: fevereiro 2008

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação brasileira de ocupações – CBO**. Profissionais da informação. Disponível em: < <http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=2612>>. Acesso em: 20 jan. 2008.

CASTRO, C. A. Histórico e evolução curricular na área de Biblioteconomia no Brasil IN: Valentim, M.L. P. **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002, p. 25-48.

CASTRO, César Augusto; RIBEIRO, Maria Solange Pereira. As contradições da sociedade da informação e a formação do bibliotecário. In: **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 41-52, jan./jun. 2004. Disponível em: <http://server01.bc.unicamp.br/seer/ojs/viewarticle.php?id=16> Acesso: em 25 jan. 2008

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999

D. JOÃO VI deu início à Biblioteca Nacional. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 06 mar. 2006. p. 1-1. Disponível em: < [www.cbl.org.br](http://www.cbl.org.br) >. Acesso em: dezembro 2007.

DUNLEY, Gláucia Peixoto. Para além da mídia e do estigma: a comunicação comunitária. In SIMPÓSIO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 10., 2004, Rio de Janeiro. **Anais...** Disponível em: <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/bitstream/1904/19618/1/Glaucia+Peixoto+Dunley.pdf> Acesso em: 3 jul.2007

ECO, U. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.

FEITOSA, Luiz Tadeu. **O poço da draga**: a favela e a biblioteca. São Paulo: Annablume, 1998.

LIMA, Maria Manuel. Considerações em torno do conceito de estereótipo: uma dupla abordagem. **Revista da Universidade de Aveiros**. Letras, p.169-181. Disponível em: <http://sweet.ua.pt/~mbatista/consideraçõesemtornodoconceitodeestereotipo.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2008

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, [1991?].

LOUREIRO, Mônica de Fátima; JANNUZZI, Paulo de Martino. Profissional da informação: uma análise da inserção no mercado de trabalho brasileiro. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, p. 23-48, mai/ago, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 1 jan. 2008

\_\_\_\_\_. Profissional da informação: um conceito em construção. **Transformação**, Campinas, v.17, n. 2, p.123-151, mai/ago, 2005. Disponível em: <http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/index.php>. Acesso em: 1 jan. 2008

LUZ, Cátia; AZEVEDO, Solange; HORTA, Ana Magdalena. Como fazer seu filho chegar lá. In: **Época**, [S.l.], n. 267. 30 jun. 2003. Disponível em: < <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT560828-1653-1,00.html> >. Acesso em 06 fev. 2008.

MARTINS, Wilson. **A Palavra Escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

NAHUZ, Cecila dos Santos; FERREIRA, Lusimar Silva. **Manual para a normalização de monografias**. 3.ed. São Luís: [s.n.], 2002.



OLIVEIRA, Z. C. P. **O bibliotecário e sua auto-imagem**. São Paulo: Pioneira, 1983.

PAIVA, D. W. **Perspectivas do agente da informação no contexto brasileiro**. *Cia. Da Informação*, v. 19, n. 1, p. 48 – 52, 1990. <http://www.acbsc.org.br/revista/ojs/viewarticle.php?id=7&layout=html> . Acesso em: 31 jan. 2008

ROCA, Meritxell. Uso y abuso de la estereotipia en los medios de comunicación: propuestas para un consumo sostenible desde la perspectiva de género. **Area abierta**. Catalunia, n. 12, 2005. Disponível em: <http://www.ucm.es/BUCM/revistas/>. Acesso em: 16 jan. 2008.

ROGGAU, Zunilda. **Los bibliotecários, el estereótipos y la comunidad**. Argentina, 2006. Disponível em: <http://cat.inist.fr/?aModele=afficheN&cpsidt=18349710>. Acesso em: junho 2007

SANTOS, Gildenir Carolino; PASSOS, Rosemary. **O papel das bibliotecas e dos bibliotecários às portas do século XXI**: considerações sobre a convivência da informação impressa, virtual e digital. Disponível em: <http://snbu.bvs.br/snbu2000/docs>. Acesso em: 29 jul. 2004.

SILVA, Helena de Fátima Nunes. A Biblioteca e as suas Representações: análise das representações dos alunos e dos professores na UFPR. In: **SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS**, 2000, Florianópolis. Memória SNBU... Florianópolis: [s. n.] 2000. Disponível em: <http://snbu.bvs.br>. Acesso em: 5 mar. 2008.

SMIT, J. Bibliotecário, in memoriam: um canto de morte em feitiço de psicodrama. **Revista Palavra-Chave**, São Paulo, n. 2, p. 2-3, 1982. Disponível em: <http://academica.extralibris.info/bibliotecario> . Acesso em: 28 jan. 2008

VIEIRA, A. S. Repensando a Biblioteconomia. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 81-85, 1983.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 8.ed. Portugal: Presença, 2003.